

ESTUDO BÍBLICO

A BATALHA PELO ACORDO

Vencendo a Guerra Espiritual Através da Submissão, da Verdade e da Resistência



INTRODUÇÃO

GUERRA ESPIRITUAL É PRESSÃO COM UMA DIREÇÃO

“Então trouxeram a Jesus um endemoninhado, cego e mudo, e Jesus o curou, de forma que ele passou a falar e a ver. Todo o povo ficou admirado e perguntava: ‘Não é este o Filho de Davi?’”

MATEUS 12:22-23 (NVI)

Mateus 12 nos apresenta um homem cuja condição era muito mais profunda do que se podia ver na superfície. Ele foi levado a Jesus endemoninhado, cego e incapaz de falar. Sua escravidão espiritual havia afetado tanto sua visão quanto sua voz. Ele não conseguia ver o que estava à sua frente, nem conseguia comunicar o que acontecia dentro dele. No entanto, quando Jesus interveio em sua situação, Ele restaurou ambas as coisas. O homem que não conseguia ver, de repente, viu, e o homem que não conseguia falar, de repente, falou. Há algo profundamente significativo na conexão entre visão e voz, porque o inimigo ainda ataca as duas. Se ele consegue distorcer o que vemos, eventualmente pode influenciar o que dizemos. Quando perdemos a visão espiritual, começamos a falar de maneira diferente sobre nosso futuro, nossas famílias, nossos filhos, nossos casamentos e até sobre nós mesmos. Deixamos de interpretar a vida através das promessas de Deus e passamos a interpretar tudo através das circunstâncias que nos cercam. O medo passa a interpretar nosso futuro, o desânimo passa a definir nossas possibilidades, e situações temporárias passam a soar permanentes.

É por isso que precisamos entender corretamente a guerra espiritual. A guerra espiritual é real, mas isso não significa que todo incômodo em nossa vida seja demoníaco. Nem todo pneu furado é obra do diabo. Nem todo dia difícil é guerra espiritual. Nem toda desavença é causada por um espírito maligno. Não devemos nos tornar tão espiritualmente desconfiados a ponto de enxergar demônios atrás de cada problema, ou culpar o inimigo por situações que são simplesmente parte de viver em um mundo quebrado. Ao mesmo tempo, porém, não podemos ir para o extremo oposto e nos tornar espiritualmente desatentos. As Escrituras ensinam claramente que existe resistência espiritual. Há momentos em que a pressão contra nós tenta mover nossa fé, nossa oração, nossa adoração, nossa família, nossa pureza, nossa paz, nossa obediência, nossa visão e nossa voz em uma direção contrária à vontade de Deus. Isso nos dá uma forma importante de entender a guerra espiritual: a guerra espiritual começa quando a pressão tenta nos mover em uma direção para a qual Deus não nos chamou.

Essa pressão nem sempre é dramática. Às vezes, a resistência espiritual é extremamente sutil. Pode ser a pressão para desistir quando Deus nos chamou a continuar, a pressão para permanecer ofendido quando Deus ordenou que perdoássemos, ou a pressão para nos isolarmos quando precisamos desesperadamente de comunhão espiritual. Pode ser a voz sutil dizendo que a oração não está funcionando, que a adoração não importa, que nossas convicções são restritivas demais, ou que a obediência está custando caro demais. Pode sussurrar a um pai ou mãe que um filho foi longe demais para que Deus o restaure, ou dizer a um casamento em dificuldade que não há possibilidade de cura. O inimigo nem sempre começa tentando nos destruir. Muitas vezes, ele apenas tenta nos redirecionar. Se ele conseguir nos mover um pouco hoje, um pouco mais amanhã e um pouco mais no mês que vem, eventualmente podemos nos encontrar em um lugar onde Deus jamais pretendeu que estivéssemos. Um pequeno desvio, repetido ao longo do tempo, pode se tornar, no fim, um destino completamente diferente.

É por isso que o discernimento é essencial na guerra espiritual. Um dos princípios mais fortes deste ensino é que aquilo que não reconhecemos, não resistiremos, e aquilo que nos recusamos a resistir, acabaremos por tolerar. A resistência espiritual frequentemente chega disfarçada de emoção, de ofensa, de decepção, de pensamento, de apetite, ou até do que parece ser uma reação razoável a algo que nos aconteceu. Podemos ficar tão consumidos analisando como algo nos faz sentir que nunca paramos para examinar para onde esse sentimento está tentando nos levar. Nossas emoções são reais, e as Escrituras não exigem que finjamos que elas não existem, mas nossas emoções nunca foram criadas para se tornar nossa bússola espiritual. Portanto, em vez de perguntar apenas: “O que estou sentindo?”, precisamos aprender a fazer uma pergunta mais importante: “Para onde essa pressão está tentando me levar?”

Essa pergunta muda a forma como interpretamos nossas batalhas. Se a decepção nos faz buscar a Deus mais profundamente, então Deus pode usar essa decepção para produzir crescimento espiritual. Mas se a decepção começa a nos convencer a parar de orar, parar de adorar e parar de crer, então precisamos discernir o que está acontecendo. Se alguém nos machuca e essa dor nos leva à oração, ao perdão, à cura e à presença de Deus, Deus pode redimir a ferida. Mas se essa mesma dor continuamente nos diz para nos isolarmos, desconfiarmos de todos, nos desconectarmos do corpo de Cristo e alimentarmos a amargura, então precisamos parar de perguntar apenas por que estamos sofrendo e começar a perguntar para onde nosso sofrimento está tentando nos conduzir. A dor pode ser legítima, embora a direção para a qual ela tenta nos levar ainda seja perigosa.

Isso se torna especialmente importante em nossos lares. Se a frustração com nosso cônjuge nos leva à oração, à comunicação honesta, à paciência, à humildade e ao perdão, então Deus pode agir em uma estação difícil. Mas se a frustração começa a nos empurrar para o desprezo, a acusação, a desonra, o afastamento emocional, o segredo ou pensamentos de abandonar a aliança, precisamos de discernimento espiritual. A pergunta já não é simplesmente: “Por que estou frustrado?” A pergunta mais profunda se torna: “Para onde essa frustração está tentando levar nosso casamento?” Podemos gastar tanto tempo brigando um com o outro que deixamos de reconhecer o que está tentando dividir a casa. Mais adiante, em Mateus 12, Jesus diz que “toda cidade ou casa dividida contra si mesma não permanecerá”. O inimigo compreende o poder destrutivo da divisão, e por isso uma de suas estratégias é transformar pessoas que deveriam lutar juntas em pessoas que lutam umas contra as outras.

Os pais precisam desenvolver esse mesmo discernimento em relação aos filhos. Às vezes, o inimigo não tenta, de imediato, afastar completamente um filho de Deus. Ele começa enfraquecendo o apetite dele pelas coisas de Deus. A oração lentamente se torna entediante. A adoração se torna desnecessária. A igreja se torna inconveniente. Os limites bíblicos começam a parecer irracionais. Relacionamentos que enfraquecem as convicções começam a parecer cada vez mais importantes, enquanto relacionamentos que fortalecem a fé começam a parecer restritivos. O movimento pode, a princípio, parecer pequeno, mas os pais que compreendem a guerra espiritual aprendem a reconhecer a direção antes que a direção se torne destino. Não reagimos simplesmente ao comportamento de nossos filhos. Oramos por discernimento para entender o que está tentando moldar seus corações, seus apetites, sua identidade e seu futuro.

Também precisamos desse discernimento em relação a nós mesmos, porque o desvio espiritual raramente acontece da noite para o dia. Talvez tenha havido uma estação em que orávamos com constância, mas, aos poucos, a oração se tornou ocasional. Talvez um dia guardássemos com cuidado o que entrava em nossa mente, mas, gradualmente, nossos limites enfraqueceram. Talvez a adoração um dia fluísse naturalmente de nós, mas a decepção ou a ofensa foi silenciando nossa voz aos poucos. Talvez ainda frequentemos a igreja, ainda conheçamos as canções, ainda entendamos a linguagem e ainda pareçamos espiritualmente saudáveis por fora, mas, internamente, algo tem nos afastado silenciosamente do lugar onde antes estávamos. Podemos não ter abandonado a Deus, mas permitimos que a pressão criasse distância. Essa é uma guerra espiritual que vale a pena reconhecer.

O inimigo frequentemente começa com a distração antes da destruição. Um cristão distraído não necessariamente deixa de crer em Deus; simplesmente deixamos de dar a Deus nossa atenção plena. A distração pode, eventualmente, produzir desânimo, e o desânimo pode, eventualmente, criar divisão. Um crente desanimado pode continuar frequentando a igreja enquanto perde lentamente a expectativa. Uma família dividida pode continuar vivendo sob o mesmo teto enquanto seus corações se afastam silenciosamente. Uma pessoa ainda pode parecer uma adoradora em público enquanto se torna espiritualmente exausta em particular. Se o inimigo consegue mudar gradualmente o que recebe nossa atenção, ele pode, eventualmente, influenciar o que recebe nosso afeto. Por isso não podemos descartar toda distração como inofensiva. Precisamos perguntar para onde ela está nos levando.

Também precisamos prestar atenção aos pensamentos que acompanham essa pressão. Um pensamento pode soar como nossa própria voz e ainda assim nos levar para um lugar contrário à Palavra de Deus. Pensamentos como: “Eu nunca vou mudar”, “Meus filhos nunca vão servir a Deus”, “Nada acontece quando eu oro”, “Meu casamento não tem mais conserto”, “Ninguém realmente se importa comigo”, ou “Deus se esqueceu de mim”, não podem receber automaticamente nossa concordância apenas por terem entrado em nossa mente. É aqui que o tema central deste estudo começa a surgir: a guerra espiritual não é apenas sobre o que nos ataca; é sobre o que está tentando conquistar nosso acordo. O inimigo pode introduzir um pensamento, mas há diferença entre um pensamento entrar em nossa mente e nosso coração assinar um acordo com ele.

Antes que a escravidão se torne comportamento, geralmente existe um acordo em algum lugar. Antes que a amargura nos controle, concordamos que temos o direito de continuar irados. Antes que o medo domine nossa vida, concordamos que o que pode acontecer é maior do que aquilo que Deus prometeu. Antes que o isolamento se torne nosso estilo de vida, concordamos que estamos mais seguros sozinhos. Antes que a transigência se torne normal, concordamos que a obediência custa caro demais. Antes que a desesperança controle nossa linguagem, concordamos que nossas circunstâncias presentes têm autoridade para definir nosso futuro. É por isso que a batalha pelo acordo é tão importante. Precisamos aprender a reconhecer o pensamento, identificar sua direção, compará-lo com a Palavra de Deus e nos recusar a dar nosso acordo a qualquer coisa que contradiga o que Deus falou.

Antes que a escravidão se torne comportamento, geralmente existe um acordo em algum lugar.

1 Pedro 5:8-9 (NVI) diz: “Sejam de espírito equilibrado e vigiem. O diabo, adversário de vocês, anda ao redor como leão rugindo, procurando a quem possa devorar. Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé...” Observe a progressão da passagem. Somos instruídos a ter equilíbrio, a vigiar e, então, a resistir. A consciência espiritual vem antes da resistência espiritual. Não podemos resistir eficazmente a algo que nos recusamos a reconhecer. Isso significa que precisamos desenvolver a disciplina espiritual de examinar a direção do que está acontecendo dentro de nós. Isso está me aproximando de Deus ou me afastando dEle? Isso está me fazendo querer orar ou me fazendo evitar a oração? Isso está produzindo perdão ou alimentando amargura? Isso está fortalecendo meu casamento ou criando divisão? Isso está fortalecendo minhas convicções ou negociando-as aos poucos? Isso está me fazendo falar fé sobre meus filhos, ou estou continuamente falando medo sobre o futuro deles? Isso está me aproximando de pessoas que fortalecem minha fé, ou está me convencendo a me isolar delas?

A direção importa porque o inimigo não precisa necessariamente que renunciemos a Deus. Às vezes, ele só precisa que continuemos dando pequenos passos para longe dEle. Mas, uma vez que reconhecemos para onde a pressão está tentando nos levar, algo muda. Não precisamos mais aceitar passivamente tudo o que sentimos, pensamos ou vivenciamos. Podemos reconhecer a direção e tomar uma decisão espiritual: “Eu vejo para onde isso está tentando me levar, e eu me recuso a ir.” Esse é o começo da resistência.

No entanto, as Escrituras revelam que há uma ordem para a resistência espiritual. Não podemos simplesmente resistir do jeito que quisermos. Tiago 4:7 (NVI) diz: “Portanto, sujeitem-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.” Frequentemente enfatizamos a segunda metade desse versículo porque amamos a promessa de que o diabo fugirá. No entanto, a autoridade para resistir é precedida por uma instrução para se submeter. Antes de haver resistência, deve haver rendição. Antes de confrontarmos o que está tentando nos controlar, precisamos primeiro nos colocar completamente sob a autoridade de Deus. Não podemos exigir autoridade espiritual enquanto rejeitamos a submissão espiritual.

Isso nos leva ao primeiro grande princípio da batalha pelo acordo: antes de podermos resistir eficazmente ao que está contra nós, precisamos nos render àquilo que está dentro de nós. A guerra espiritual não começa com gritos. Ela começa com submissão.

♦ REFLITA E ESCREVA

Para onde a pressão em minha vida está tentando me levar? Em vez de pensar apenas no que estamos sentindo, identifique a direção por trás da pressão. Ela está nos movendo para a oração, a obediência, o perdão e a fé, ou para o isolamento, a transigência, a amargura, o medo e o desânimo?

PARTE 01

A SUBMISSÃO É O PRIMEIRO ATO DA GUERRA ESPIRITUAL

01

“Portanto, sujeitem-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.”

TIAGO 4:7 (NVI)

Tiago 4:7 nos dá uma das instruções mais claras das Escrituras a respeito da guerra espiritual, mas é importante lermos o versículo na ordem em que Deus o deu. Frequentemente ficamos animados com as palavras “resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês”, porque queremos a vitória descrita no final do versículo. Queremos que o inimigo fuja. Queremos liberdade da tentação, libertação da escravidão, vitória em nossos lares, paz em nossa mente, restauração em nossos casamentos e proteção sobre nossos filhos. No entanto, antes de as Escrituras nos dizerem para resistir ao diabo, elas nos dão outro mandamento: “Portanto, sujeitem-se a Deus.” Há aqui uma ordem divina que não podemos ignorar. A submissão vem primeiro, a resistência vem em segundo lugar, e a fuga do inimigo é o resultado. Não podemos inverter a ordem e esperar o mesmo resultado.

Isso confronta algo dentro de todos nós, porque naturalmente desejamos autoridade sem sempre desejar rendição. Queremos que Deus nos liberte, mas nem sempre queremos que Ele nos diga o que precisa mudar. Queremos que Deus responda nossas orações, mas às vezes ainda queremos controle total sobre nossas decisões. Queremos que Ele quebre correntes enquanto continuamos protegendo os hábitos ligados a essas correntes. Queremos vitória sobre as trevas sem permitir que Deus examine cada área onde as trevas possam ter tido acesso. No entanto, a autoridade espiritual não opera de forma independente da submissão. Não podemos dizer sinceramente: “Diabo, você não pode controlar esta área da minha vida”, enquanto ao mesmo tempo dizemos a Deus: “Você também não pode controlar esta área.” Se uma área de nossa vida está fora da autoridade de Deus, não podemos esperar exercer a autoridade de Deus de forma eficaz dentro dessa mesma área.

É por isso que um dos princípios mais importantes que podemos aprender sobre a guerra espiritual é este: nossa resistência só é tão eficaz quanto nossa rendição. Podemos falar alto, orar com emoção, repreender repetidamente e declarar vitória com paixão, mas o volume não é a fonte da autoridade espiritual. A autoridade espiritual começa quando nossa vida se coloca sob a autoridade de Deus. Certamente não há nada de errado em orar com paixão. Há momentos em que nossas orações se tornam altas porque algo profundo em nosso espírito está clamando a Deus. As Escrituras contêm gritos, choro, angústia, alegria e adoração apaixonada. Mas nunca devemos confundir intensidade emocional com domínio espiritual. Não nos tornamos mais poderosos simplesmente por ficarmos mais altos. Nossa autoridade vem do nosso relacionamento com Jesus Cristo e da nossa disposição de nos submetermos a Ele.

Essa distinção é extremamente importante, porque a emoção é inconsistente, enquanto a rendição pode se tornar um estilo de vida estabelecido. A emoção pode estar forte no domingo e exausta na segunda-feira. A emoção pode se elevar durante a adoração e desaparecer quando a tentação chega. A emoção pode nos fazer sentir vitoriosos por uma hora, mas a rendição nos dá algo mais profundo do que um sentimento momentâneo. A rendição estabelece nossa vida sobre a autoridade de Deus. Quando submetemos a Ele nossos pensamentos, desejos, atitudes, apetites, relacionamentos, decisões e futuro,

deixamos de tentar resistir à pressão espiritual pela força de nossa personalidade. Passamos a estar debaixo da autoridade dEle. É por isso que precisamos entender que, se não estivermos submissos a Deus, talvez estejamos apenas resistindo pela emoção, e não pela autoridade espiritual.

A submissão, portanto, é muito mais do que dizer: “Senhor, eu me rendo”, durante um culto de oração. A submissão se torna visível através da obediência. Jesus perguntou em Lucas 6:46 (NVI): “Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’, e não fazem o que eu digo?” A palavra “Senhor” implica autoridade. Se Jesus é Senhor, então Ele tem o direito de dirigir nossa vida. Não podemos chamá-Lo de Senhor enquanto continuamos reservando para nós o direito da decisão final sempre que Sua Palavra entra em conflito com nossos desejos. A verdadeira submissão diz: “Deus, Tu tens autoridade sobre o que eu quero. Tu tens autoridade sobre o que eu assisto. Tu tens autoridade sobre como eu falo. Tu tens autoridade sobre meus relacionamentos. Tu tens autoridade sobre meu dinheiro. Tu tens autoridade sobre minha sexualidade. Tu tens autoridade sobre meu casamento. Tu tens autoridade sobre a maneira como eu crio meus filhos. Tu tens autoridade sobre minhas ambições, minhas feridas, minha raiva, meu futuro, e até sobre as partes da minha vida que eu prefiro manter em segredo.”

Isso significa que o primeiro ato da guerra espiritual pode ser muito diferente do que imaginamos. Às vezes, o ato mais poderoso de guerra é o arrependimento. Às vezes, é o perdão. Às vezes, é apagar algo do celular. Às vezes, é encerrar um relacionamento que continuamente enfraquece nossas convicções. Às vezes, é confessar algo que temos escondido. Às vezes, é pedir desculpas ao cônjuge. Às vezes, é colocar limites em torno de um apetite que sabemos que se tornou perigoso. Às vezes, é mudar o que permitimos entrar em nossa casa. Às vezes, é admitir: “Deus, eu estava errado.” Essas ações podem não parecer dramáticas, mas representam algo espiritualmente significativo: território está sendo devolvido a Deus.

Antes de repreendemos o diabo ao nosso redor, precisamos estar dispostos a permitir que Deus confronte a transigência dentro de nós. Isso não significa que toda luta seja causada por pecado pessoal, nem que toda batalha prove que abrimos uma porta em algum lugar. As Escrituras mostram claramente pessoas justas passando por tremenda resistência espiritual. Mas a guerra espiritual exige honestidade. Não devemos gastar toda a nossa energia perguntando o que o inimigo está fazendo enquanto nos recusamos a perguntar o que Deus está exigindo de nós. Há batalhas em que nossa oração precisa ser: “Deus, remove isto”, mas há também batalhas em que nossa oração deve se tornar: “Deus, mostra-me o que precisa mudar em mim.”

Davi nos dá uma imagem poderosa desse tipo de rendição em Salmos 139:23-24 (NVI): “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas ansiedades. Vê se em mim há algum caminho perverso e conduze-me pelo caminho eterno.” Davi estava convidando Deus para as áreas que ele mesmo não conseguia diagnosticar corretamente. Ele estava, essencialmente, dizendo: “Deus, não examines apenas o que eu mostro a todos os outros. Sonda-me. Examina meus pensamentos. Revela o que está oculto. Mostra-me qualquer coisa dentro de mim que esteja me levando na direção errada, e então conduze-me de outra forma.” Essa é uma oração de guerra, porque a rendição remove nosso acordo com tudo o que é contrário a Deus.

Isso se torna especialmente importante em nossos lares. É fácil orarmos contra o ataque do inimigo às nossas famílias enquanto nos recusamos a render as atitudes que estão criando uma atmosfera onde a divisão pode crescer. Podemos orar por paz em nosso casamento enquanto continuamos falando desrespeitosamente com nosso cônjuge. Podemos orar para que nossos filhos amem a Deus enquanto permitimos que eles nos vejam viver um cristianismo que só funciona dentro do prédio da igreja. Podemos orar por unidade enquanto protegemos nosso orgulho. Podemos orar contra a amargura enquanto repetidamente revivemos a ofensa. Podemos orar para que nossos lares se tornem lugares da presença de Deus enquanto continuamente os enchemos de palavras, entretenimento, conversas e atitudes que trabalham contra aquilo que estamos pedindo a Deus para estabelecer.

Deve haver acordo entre nossas orações e nossa vida. Se oramos: “Deus, protege meus filhos”, então nossa maneira de criá-los deve cooperar com essa oração. Se oramos: “Deus, restaura meu casamento”, então nossas palavras e comportamento devem cooperar com a restauração. Se oramos: “Deus, dá-me um coração puro”, então nossos hábitos digitais devem cooperar com a pureza. Se oramos: “Deus, dá-me paz”, então devemos examinar se estamos continuamente alimentando nossa mente com coisas que produzem raiva, medo, comparação e ansiedade. A submissão significa que paramos de pedir a Deus que abençoe uma direção que não estamos dispostos a mudar, e passamos a permitir que Ele determine a direção.

Jesus demonstra isso perfeitamente no Getsêmani. Lucas 22:42 (NVI) registra Sua oração: “Pai, se queres, tira de mim este cálice; contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua.” Jesus expressou o que desejava, mas rendeu Seu desejo à missão que tinha pela frente. A submissão bíblica não significa que deixamos de ter sentimentos, preferências, medos ou desejos. Submissão significa que essas coisas deixam de ter a autoridade final. Podemos dizer a Deus exatamente o que sentimos e ainda assim dizer: “Contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua.” Talvez não haja frase de rendição mais forte do que “não a minha vontade”. Significa que minhas emoções não têm a última palavra. Meu apetite não tem a última palavra. Minha ofensa não tem a última palavra. Meu medo não tem a última palavra. Nem mesmo meus planos têm a última palavra. Deus tem.

É por isso que a rendição não é fraqueza. No reino de Deus, a rendição é, na verdade, o caminho para a força espiritual. O mundo nos ensina que força significa manter o controle, mas o reino nos ensina que a força vem de saber a quem entregamos o controle. Não estamos nos rendendo ao inimigo. Estamos nos rendendo a Deus para que possamos resistir ao inimigo. Nos inclinamos diante de Jesus para que possamos ficar de pé diante das trevas. O crente que se ajoelha diante de Deus pode ficar de pé diante das pressões que antes o controlavam, porque a submissão estabelece a fonte de nossa autoridade.

Isso também nos ajuda a entender por que o arrependimento é uma arma espiritual tão poderosa. O arrependimento não é apenas sentir-se culpado por algo que fizemos. O arrependimento bíblico envolve uma mudança de mente que produz uma mudança de direção. Se a guerra espiritual envolve pressão tentando nos afastar da direção de Deus, o arrependimento é a decisão de voltar a Deus. Nesse sentido, todo ato genuíno de arrependimento é um ato de guerra. Quando nos arrependemos, estamos rompendo o acordo com a direção que o pecado nos levava e nos trazendo de volta ao acordo com Deus.

Portanto, nunca devemos encarar o arrependimento como humilhação. O arrependimento é libertação. O inimigo quer que nos escondamos, porque coisas escondidas podem continuar exercendo influência. Deus nos chama à luz, porque o que é rendido a Ele pode ser transformado. O orgulho diz: “Proteja sua imagem.” O arrependimento diz: “Proteja seu relacionamento com Deus.” O orgulho pergunta: “O que as pessoas vão pensar se souberem que estou lutando?” A rendição pergunta: “O que vai acontecer comigo espiritualmente se eu continuar protegendo isto?” Chega um momento em que precisamos nos importar mais com a liberdade do que com a aparência.

Para alguns de nós, o maior avanço na guerra espiritual pode começar quando pararmos de orar apenas: “Deus, muda o que está acontecendo ao meu redor”, e começarmos a orar: “Deus, muda qualquer coisa dentro de mim que esteja concordando com o que está acontecendo ao meu redor.” Sonda meu coração. Sonda minhas motivações. Sonda minhas conversas. Sonda meus relacionamentos. Sonda meus hábitos. Sonda minha vida privada. Sonda o que eu assisto quando não há ninguém por perto. Sonda as coisas em que eu penso repetidamente. Sonda minha raiva. Sonda meu orgulho. Sonda minhas feridas. Sonda minhas ambições. Sonda meu lar. Se houver algo que se tornou um acordo com as trevas, revela-o para que eu possa entregá-lo.

Então, a partir desse lugar de rendição, nós resistimos.

Podemos dizer: “Medo, você não determina o futuro desta família, porque esta família pertence a Deus. Amargura, você não vai morar aqui, porque eu escolhi o perdão. Luxúria, você não controla o meu apetite, porque o meu corpo pertence a Jesus Cristo. Orgulho, você não determina como eu trato meu cônjuge, porque meu casamento pertence a Deus. Desânimo, você não reescreve o que Deus falou sobre meus filhos. Ofensa, você não vai me separar das pessoas que Deus colocou em minha vida. Eu entreguei esta área a Deus, e por isso vou resistir a tudo que tentar arrancá-la dEle.”

Essa é a autoridade espiritual operando em ordem bíblica. Submeta-se a Deus. Resista ao diabo. Ele fugirá.

Essa é a autoridade espiritual operando em ordem bíblica. Submeta-se a Deus. Resista ao diabo. Ele fugirá.

E, uma vez que entendemos a submissão, estamos preparados para a próxima pergunta: onde o inimigo tem tido espaço para agir? Paulo nos dá um mandamento notavelmente curto, mas poderoso, em Efésios 4:27 (NVI): “Nem deem lugar ao Diabo.” O inimigo nem sempre precisa de posse se puder obter acesso. Às vezes, ele não precisa da casa inteira. Ele só precisa de um cômodo. É por isso que a próxima etapa da guerra espiritual exige que identifiquemos e fechemos os pontos de acesso que temos tolerado.

♦ REFLITA E ESCREVA

Há alguma área em que estou pedindo a Deus vitória enquanto resisto à rendição? Tiago 4:7 coloca a submissão antes da resistência. Existe algum hábito, relacionamento, atitude, apetite ou decisão que queremos que Deus mude sem permitir que Ele tenha autoridade completa sobre isso?

PARTE 02

NÃO DEEM LUGAR: FECHANDO AS PORTAS QUE DEIXAMOS ABERTAS

02

“Nem deem lugar ao Diabo.”

EFÉSIOS 4:27 (NVI)

Este é um dos versículos mais curtos que estudaremos, mas contém um princípio enorme sobre a guerra espiritual. Paulo diz: “Nem deem lugar ao Diabo.” A própria linguagem nos ensina algo importante, porque, se as Escrituras nos dizem para não dar lugar ao inimigo, então deve haver lugares em nossa vida pelos quais temos a responsabilidade de zelar. A palavra traduzida como “lugar” carrega a ideia de uma localização, posição ou território. Em outras palavras, o inimigo não precisa possuir nossa vida para tentar estabelecer uma posição a partir da qual possa influenciá-la. Há áreas que pertencem a Deus, mas, por descuido, transigência, amargura, ofensa, apetites descontrolados ou desobediência repetida, podemos permitir que algo ocupe território que jamais deveria ter sido entregue.

Essa é uma distinção importante, porque, às vezes, os cristãos dão ao diabo muito mais autoridade do que as Escrituras lhe concedem. Falamos como se o inimigo pudesse simplesmente tomar o que quiser, quando quiser. No entanto, Efésios 4:27 coloca a responsabilidade sobre nós: “Nem deem lugar.” Há coisas que devemos recusar acomodar. Há atitudes que devemos recusar entreter. Há apetites que devemos recusar alimentar. Há conversas das quais devemos recusar participar. Há relacionamentos que devemos recusar deixar enfraquecer continuamente nossas convicções. Há padrões de pensamento que devemos recusar transformar em residências permanentes. O inimigo está buscando território, mas temos a responsabilidade de não entregá-lo a ele.

O contexto de Efésios 4 torna isso ainda mais prático, porque Paulo não está falando de manifestações estranhas ou dramáticas. Ele está falando do comportamento cristão cotidiano. Ele trata de mentira, ira, palavras corruptas, amargura, cólera, maledicência e falta de perdão. Isso significa que, quando Paulo diz “nem deem lugar ao Diabo”, ele está falando das áreas comuns da vida onde o território espiritual pode ser cedido. Uma pessoa pode estar profundamente envolvida na igreja e ainda assim dar lugar à amargura. Podemos adorar apaixonadamente e ainda assim dar lugar à ira descontrolada. Podemos conhecer as Escrituras e ainda assim dar lugar ao orgulho. Podemos orar por nossas famílias enquanto deixamos que nossa boca continuamente encha nossos lares de crítica, acusação, cinismo e medo. O perigo nem sempre é algo dramático entrando em nossa vida. Às vezes, o perigo é algo prejudicial que se permite permanecer.

É por isso que precisamos entender que o inimigo não precisa da casa inteira se estivermos dispostos a lhe dar um cômodo. Podemos dizer: “A maior parte da minha vida pertence a Deus”, mas a rendição a Deus nunca foi projetada para ser uma porcentagem. Se toda a nossa casa pertence a Jesus, então cada cômodo pertence a Ele. Nossa vida pública pertence a Ele, mas também a nossa vida privada. Nosso domingo pertence a Ele, mas também nossa sexta-feira à noite. Nossa adoração pertence a Ele, mas também nosso entretenimento. Nossas conversas na igreja pertencem a Ele, mas também as conversas que temos no carro a caminho de casa. Nosso casamento pertence a Ele. Nossas amizades pertencem a Ele. Nossas finanças pertencem a Ele. Nossa sexualidade pertence a Ele. Nossos celulares pertencem a Ele. Nossos pensamentos pertencem a Ele. Nossas feridas pertencem a Ele. Não deveria haver um

cômodo trancado em nosso coração onde dizemos a Deus: “Tu podes ter tudo o mais, mas isto é meu.”

Isso se torna particularmente sério quando começamos a proteger os próprios pontos de acesso dos quais estamos pedindo a Deus para nos libertar. Não podemos continuamente pedir a Deus para quebrar uma corrente enquanto admiramos a corrente. Não podemos pedir a Ele para nos libertar de um apetite que continuamente alimentamos. Se alguém está orando por pureza enquanto deliberadamente consome material que estimula a luxúria, o problema não é que a oração não tenha poder. A pessoa está orando contra algo enquanto, simultaneamente, o alimenta. Se estamos pedindo a Deus para nos libertar da ira enquanto passamos horas consumindo conteúdo que continuamente produz indignação, ressentimento, medo e cinismo, precisamos examinar essa contradição. Se estamos pedindo a Deus para nos libertar da comparação enquanto repetidamente consumimos conteúdo que nos faz medir nossa vida contra a vida de todo mundo, talvez haja um ponto de acesso que precise ser fechado.

É aqui que a disciplina espiritual se torna parte da guerra espiritual. Às vezes, queremos que Deus remova algo sobrenaturalmente enquanto Deus está nos pedindo para estabelecer um limite bem prático. Oramos: “Deus, tira este desejo de mim”, enquanto Ele talvez esteja nos dizendo: “Pare de alimentá-lo.” Oramos: “Deus, protege minha mente”, enquanto continuamos colocando diante de nossos olhos coisas que contaminam nossos pensamentos. Oramos: “Deus, cura minha amargura”, enquanto repetidamente voltamos a conversar em que a ofensa é revivida e fortalecida. Oramos: “Deus, dá-me paz”, enquanto continuamente consumimos informações que mantêm nosso espírito agitado. A oração é essencial, mas a oração nunca foi projetada para se tornar uma desculpa para evitar a obediência.

Há coisas das quais precisamos que Deus nos liberte, e há outras das quais Deus está nos dizendo para nos afastarmos.

José nos dá um exemplo poderoso em Gênesis 39. Quando a mulher de Potifar tentou seduzi-lo repetidamente, José não ficou no cômodo tentando provar o quanto era espiritualmente forte. Gênesis 39:12 (NVI) diz: “ela o agarrou pela capa e disse: ‘Deite-se comigo!’ Mas José saiu correndo para fora de casa, deixando a capa em suas mãos.” José correu. Às vezes, correr é guerra. Às vezes, bloquear um número é guerra. Às vezes, apagar um aplicativo é guerra. Às vezes, sair de uma conversa é guerra. Às vezes, mudar uma rotina é guerra. Às vezes, decidir que não podemos mais ir a algum lugar é guerra. Nunca devemos confundir exposição desnecessária à tentação com maturidade espiritual. A sabedoria não pergunta: “Quão perto eu posso chegar sem cair?” A sabedoria pergunta: “Por que eu continuaria parado perto de algo que Deus me disse para fugir?”

Esse princípio é especialmente importante, porque nossas fraquezas não são todas iguais. Uma pessoa pode encontrar algo sem que isso crie uma tentação significativa, enquanto outra sabe que o mesmo ambiente desperta um apetite com o qual tem lutado para se render. Maturidade espiritual significa nos tornarmos honestos o suficiente para saber onde somos vulneráveis. Deixamos de construir nossos limites de acordo com o que todos os outros conseguem suportar e passamos a construí-los de acordo com o que protege nossa caminhada com Deus. Um limite nem sempre é evidência de fraqueza. Às vezes, um limite é evidência de que finalmente nos tornamos sábios o suficiente para entender nossa fraqueza.

Provérbios 4:23 (NVI) diz: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida.” Guardar algo significa zelar por isso. Zelamos por coisas valiosas porque compreendemos o que está em jogo. Trancamos as portas de nossas casas à noite, protegemos nossas contas bancárias com senhas e ensinamos nossos filhos a não falar com estranhos, mas, às vezes, deixamos os portões de nosso espírito completamente desguardados. Permitimos que quase qualquer coisa entre por nossos olhos e ouvidos, e depois nos perguntamos por que nossos pensamentos se tornaram difíceis de controlar. Os limites espirituais reconhecem que aquilo que entra repetidamente em nós acabará por nos influenciar.

Algumas conversas são portas de entrada. A fofoca pode se tornar uma porta de entrada para a suspeita e a divisão. A crítica constante pode se tornar uma porta de entrada para o cinismo. Conversas repetidas sobre uma ofensa podem se tornar uma porta pela qual a amargura cresce mais forte. Alguns relacionamentos são portas de entrada, porque toda vez que passamos tempo com certas pessoas, nossas convicções se enfraquecem em vez de se fortalecer. Alguns entretenimentos se tornam portas de entrada porque normalizam aquilo que as Escrituras nos dizem para resistir. Alguns apetites digitais se tornam portas de entrada porque o que começou como curiosidade ocasional acaba se tornando um padrão que controla nossa atenção e imaginação. Até pensamentos repetidos podem se tornar portas de entrada quando continuamente entretemos ideias que contradizem o que Deus disse.

Precisamos ter cuidado aqui, porque a resposta não é ter medo de tudo ao nosso redor. O cristianismo não é uma vida de paranoia. O propósito dos limites espirituais não é o medo; é a consagração. Não guardamos nosso coração porque as trevas são mais poderosas do que Jesus. Guardamos nosso coração porque aquilo que Deus nos confiou é valioso. Estamos protegendo nossa paz, nossa pureza, nossos casamentos, nossos filhos, nossa fé, nosso chamado, nossa sensibilidade espiritual e nossa capacidade de ouvir claramente a voz de Deus. Os limites não são apenas sobre o que estamos tentando evitar. São sobre o que estamos tentando preservar.

Isso é particularmente importante dentro do lar. Josué fez uma das declarações mais poderosas das Escrituras quando disse em Josué 24:15 (NVI): “quanto a mim e à minha família, serviremos ao Senhor.” Josué estava estabelecendo a identidade espiritual de sua casa. Ele não estava apenas declarando o que ele próprio acreditava. Ele estava estabelecendo a quem sua casa serviria. Toda família cristã, eventualmente, precisa tomar decisões semelhantes. O que será normal em nosso lar? O que vamos celebrar? O que vamos rejeitar? Como vamos falar uns com os outros? O que nossos filhos vão nos ouvir dizer sobre a igreja, a liderança, outros crentes e uns sobre os outros? O que vai entrar através de nossas televisões, celulares, músicas, livros e conversas? Que valores vão moldar a atmosfera de nossa casa?

Os pais não podem controlar todas as decisões que seus filhos eventualmente tomarão, mas, enquanto Deus tiver confiado os filhos aos nossos cuidados, temos a responsabilidade de discipular o ambiente em que estão crescendo. Não podemos orar para que o mundo não discipule nossos filhos enquanto damos ao mundo acesso ilimitado para discipulá-los. Os algoritmos estão discipulando. O entretenimento está discipulando. As amizades estão discipulando. As redes sociais estão discipulando. A música está discipulando. A pergunta não é se nossos filhos estão sendo influenciados. A pergunta é quem e o que está recebendo permissão para influenciá-los mais profundamente.

Isso não significa criar filhos com medo ou tentar isolá-los de toda pessoa que pensa diferente. Nossos filhos eventualmente precisarão saber como se posicionar em um mundo que não compartilha suas convicções. Mas há diferença entre ensinar nossos filhos a se posicionarem nas trevas e permitir que as trevas tenham acesso irrestrito para moldá-los. A criação bíblica dos filhos exige tanto proteção quanto preparação. Estabelecemos limites enquanto eles crescem e, ao mesmo tempo, ensinamos por que esses limites existem, para que, eventualmente, suas convicções se tornem pessoais, e não apenas parentais.

O mesmo princípio se aplica ao casamento. Não podemos permitir que o ressentimento alugue um cômodo em nosso casamento e depois agir surpresos quando ele começar a afetar todos os outros cômodos. Não podemos usar continuamente uma linguagem desrespeitosa e esperar que a intimidade permaneça saudável. Não podemos proteger conversas secretas com outras pessoas e, ao mesmo tempo, orar para que a confiança aumente entre marido e mulher. Não podemos continuamente relembrar as falhas um do outro e esperar que a graça floresça. Em algum momento, marido e mulher precisam estar dispostos a dizer juntos: “Isto pode ter entrado em nossa casa, mas não tem permissão para permanecer aqui.”

Talvez a ira tenha entrado. Ela não precisa permanecer.

Talvez a desconfiança tenha entrado. Ela não precisa permanecer.

Talvez a pornografia tenha entrado. Ela não precisa permanecer.

Talvez o medo financeiro tenha entrado. Ele não precisa permanecer.

Talvez a crítica tenha se tornado normal. Ela não precisa permanecer.

Talvez a oração tenha desaparecido do lar. Ela pode voltar.

Talvez a adoração tenha desaparecido. Ela pode voltar.

Talvez o afeto tenha esfriado. Deus pode restaurá-lo.

A pergunta não é apenas o que entrou. A pergunta é: o que estamos dispostos a continuar dando lugar?

Isso exige que sejamos intencionais quanto à nossa boca, porque nossas palavras ajudam a estabelecer a atmosfera de nossos lares. Devemos ter cuidado ao falarmos continuamente palavras de morte sobre situações que estamos pedindo a Deus para restaurar. Há diferença entre reconhecer honestamente um problema e declarar constantemente desesperança sobre ele. Talvez precisemos dizer: “Meu filho está lutando”, mas devemos ter cuidado ao passar dessa realidade para: “Meu filho nunca vai servir a Deus.” Podemos dizer: “Nosso casamento está em uma estação difícil”, sem declarar: “Nosso casamento nunca vai sobreviver.” Podemos reconhecer: “Estou lutando emocionalmente”, sem permitir que a luta se torne nossa identidade permanente. Contamos a verdade sobre a batalha enquanto continuamos concordando com o que Deus falou sobre nosso futuro.

É aqui que precisamos estar dispostos a fazer perguntas difíceis. O que normalizamos que Deus tem nos convencido? Que conversas consistentemente deixam nosso espírito pior do que o encontraram? Que relacionamentos repetidamente enfraquecem nossas convicções? Que hábitos digitais estão moldando nossa imaginação? Que ofensa estamos continuamente alimentando? Que apetite secreto estamos pedindo a Deus para remover enquanto, simultaneamente, o protegemos? Que atmosfera estamos criando em nosso lar? O que nossos filhos estão aprendendo sobre o cristianismo ao nos observar quando não estamos na igreja?

Essas perguntas não têm o objetivo de produzir condenação. Elas têm o objetivo de produzir discernimento. Deus revela uma porta aberta porque quer que a fechemos. A convicção é um convite para devolver território a Ele.

E, quando Deus revela uma área, nossa resposta não deve ser negociação. Devemos estar dispostos a dizer: “Não mais lugar.”

Não mais lugar para a amargura em meu coração. Não mais lugar para a luxúria em minha vida privada. Não mais lugar para a crítica constante em meu casamento. Não mais lugar para a desonra em nosso lar. Não mais lugar para relacionamentos que continuamente me afastam de Deus. Não mais lugar para entretenimento que alimenta aquilo contra o qual estou orando. Não mais lugar para o medo determinar como falo sobre meus filhos. Não mais lugar para uma ofensa de ontem controlar minha obediência hoje.

É assim que a resistência se parece quando a submissão se torna prática. Não estamos apenas gritando contra as trevas. Estamos removendo a cadeira delas. Estamos fechando a porta. Estamos nos recusando a continuar fornecendo território a partir do qual elas possam influenciar nossa vida.

Não estamos apenas gritando contra as trevas. Estamos removendo a cadeira delas. Estamos fechando a porta.

No entanto, fechar portas é apenas parte da batalha. O ensino de Jesus em Mateus 12 nos leva a algo ainda mais profundo. Uma casa não pode simplesmente ser esvaziada; ela precisa pertencer completamente à autoridade certa. A guerra espiritual não é apenas sobre remover o que está errado. É sobre entrar em acordo com o que é certo.

Isso nos leva talvez ao princípio central de todo este estudo:

A guerra espiritual é uma batalha pelo acordo.

♦ REFLITA E ESCREVA

Eu tenho dado ao inimigo “lugar” em alguma área que deveria pertencer completamente a Deus? Considere nossas conversas, entretenimento, hábitos digitais, relacionamentos, amargura, ira, falta de perdão, orgulho, medo e a atmosfera de nossos lares. Estamos protegendo um ponto de acesso enquanto oramos por libertação daquilo que entra por ele?

PARTE 03

A BATALHA PELO ACORDO: UMA CASA DIVIDIDA NÃO PODE PERMANECER

03

“Sabendo Jesus o que eles estavam pensando, disse-lhes: ‘Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não permanecerá.’”

MATEUS 12:25 (NVI)

Quando Jesus curou o homem cego e incapaz de falar, o milagre produziu duas reações completamente diferentes. As pessoas olharam para o que Jesus tinha feito e começaram a perguntar: “Não é este o Filho de Davi?” Os fariseus testemunharam exatamente o mesmo milagre e chegaram à conclusão oposta. Eles acusaram Jesus de expulsar demônios pelo poder de Belzebu. O mesmo milagre estava diante dos dois grupos, mas sua interpretação foi completamente diferente. Isso nos lembra que aquilo que vemos é frequentemente afetado pela lente através da qual vemos. Um coração cheio de fé pode reconhecer a obra de Deus, enquanto um coração moldado pelo orgulho, pela ofensa, pela tradição ou pela incredulidade pode estar diante da mesma evidência e interpretá-la de forma completamente diferente. É por isso que a guerra espiritual envolve mais do que o que acontece ao nosso redor. Há também uma batalha sobre como interpretamos o que está acontecendo ao nosso redor.

Jesus respondeu aos fariseus estabelecendo um princípio que vai muito além da acusação deles: “Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não permanecerá.” A divisão, eventualmente, produz destruição. Um reino não pode continuar lutando contra si mesmo e permanecer forte. Uma cidade não pode continuamente se despedaçar e prosperar. Uma família não pode continuamente se voltar contra si mesma e permanecer saudável. O mesmo princípio se aplica espiritualmente a nós como indivíduos. Não podemos viver continuamente em contradição e esperar experimentar estabilidade espiritual. Deve, eventualmente, haver acordo entre o que cremos, o que dizemos, como vivemos e a quem servimos.

É por isso que a guerra espiritual é uma batalha pelo acordo. O inimigo quer que nossa boca discorde de nossa fé. Ele quer que nossos hábitos discorram de nossas orações. Ele quer que nossa vida privada discorde de nossa adoração pública. Ele quer que nossas decisões de segunda-feira contradigam nossas declarações de domingo. Ele quer que oremos em uma direção enquanto caminhamos em outra. A divisão não precisa começar dramaticamente. Ela só precisa criar contradição suficiente para que, eventualmente, nossa vida espiritual se torne instável. Jesus disse que uma casa dividida não pode permanecer, e esse princípio se aplica quando a divisão está acontecendo dentro de nós.

Podemos amar genuinamente a Deus e ainda assim lutar com áreas que ainda não entraram em acordo com Ele. Podemos ir à igreja e adorar sinceramente enquanto ainda lutamos em particular com apetites que nos puxam em outra direção. Podemos orar: “Deus, eu quero a Tua vontade”, enquanto outra parte de nós continua dizendo: “Mas eu ainda quero isto.” Podemos crer na Palavra de Deus intelectualmente enquanto nossas emoções continuamente nos pregam algo diferente. A luta em si não nos torna hipócritas. Todo crente vivencia conflito entre a carne e o Espírito. O perigo surge quando, em vez de trazer essa contradição à rendição, começamos a aceitá-la como normal. Deixamos de lutar pelo acordo.

Gálatas 5:17 (NVI) diz: “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam.” As Escrituras não fingem que esse conflito interno não existe. Há desejos em nossa carne que naturalmente não concordarão com o que o Espírito deseja. Portanto, a maturidade espiritual não é chegar a um ponto em que nunca mais sentimos outro impulso na direção errada. Maturidade espiritual significa que, quando esses desejos concorrentes aparecem, sabemos qual voz recebe nosso acordo. Não precisamos concordar com tudo o que sentimos apenas por sentirmos.

Essa distinção é extremamente importante. Sentir algo não é o mesmo que concordar com isso. Um pensamento de medo pode entrar em nossa mente sem se tornar nossa confissão. A ira pode surgir sem se tornar nossa senhora. A tentação pode aparecer sem se tornar obediência. O desânimo pode nos visitar sem se tornar nossa identidade. Uma acusação pode entrar em nossos pensamentos sem se tornar nossa conclusão. Talvez nem sempre controlemos o primeiro pensamento que entra em nossa mente, mas, pelo poder de Deus, podemos determinar se damos a esse pensamento um lugar permanente para morar.

O inimigo entende o poder do acordo. Se ele conseguir nos convencer a concordar com uma mentira por tempo suficiente, eventualmente começaremos a viver como se a mentira fosse verdade. Se continuamente concordamos com o pensamento: “Nada nunca vai mudar”, eventualmente paramos de esperar mudança. Se concordamos que a oração não importa, eventualmente paramos de orar. Se concordamos que nosso casamento está além de restauração, eventualmente paramos de investir na restauração. Se concordamos que nossos filhos estão longe demais de Deus, eventualmente nossas orações por eles podem se enfraquecer. Se concordamos que sempre seremos controlados por determinado apetite, podemos parar de resistir a ele. O inimigo quer mais do que introduzir uma mentira. Ele quer que assinemos nosso nome nela através do acordo.

Isso nos dá uma pergunta muito importante para fazermos ao longo deste estudo. Em vez de perguntar apenas: “Com o que estou lutando?”, devemos também perguntar: “Com o que estou concordando?” Às vezes, passamos anos lutando contra algo com o qual continuamos concordando em nossos pensamentos, em nossa linguagem ou em nosso comportamento. Pedimos a Deus liberdade enquanto repetidamente nos descrevemos pelo nome de nossa escravidão. Pedimos a Deus um futuro diferente enquanto continuamente falamos como se o ontem já tivesse determinado o amanhã. Oramos para que Deus mude algo e depois passamos o resto da semana concordando com todos os motivos pelos quais isso não pode mudar.

Amós 3:3 (NVI) pergunta: “Andam dois juntos, sem que tenham combinado?” No contexto imediato, Amós enfatiza que andar junto exige acordo. Aplicado como princípio espiritual, o acordo afeta a direção. Aquilo com que continuamente concordamos vai influenciar a direção em que caminhamos. Quando concordamos com o medo, o medo começa a acompanhar nossas decisões. Quando concordamos com a amargura, a amargura começa a influenciar a forma como interpretamos as pessoas. Quando concordamos com a ofensa, a ofensa começa a filtrar as conversas. Quando concordamos com a desesperança, a desesperança começa a interpretar nosso futuro. Mas, quando nos colocamos em

acordo com a Palavra de Deus, a fé começa a mudar a forma como vemos as mesmas circunstâncias.

Isso não significa que neguemos a realidade. A fé bíblica não é fingir que um problema não existe. Se nosso casamento está em dificuldade, o acordo com Deus não exige que finjamos que está tudo maravilhoso. Se nosso filho está longe de Deus, a fé não significa ignorar o que está acontecendo. Se estamos passando dificuldades financeiras, doentes, feridos, decepcionados ou com medo, não precisamos mentir sobre nossas circunstâncias. A fé diz a verdade sobre a batalha sem permitir que a batalha se torne a verdade suprema em nossa vida. Podemos dizer: “Isto é difícil, mas Deus é fiel.” Podemos dizer: “Meu filho está lutando, mas eu vou continuar orando e crendo.” Podemos dizer: “Nosso casamento precisa de cura, mas não vamos concordar com a divisão.” Podemos reconhecer o que vemos enquanto permanecemos submissos ao que Deus falou.

Há uma grande diferença entre reconhecer uma condição e concordar com sua conclusão. Podemos reconhecer que algo dói sem concordar que nunca vamos sarar. Podemos reconhecer que falhamos sem concordar que somos fracassados. Podemos reconhecer que estamos sob ataque sem concordar que o inimigo vai vencer. Podemos reconhecer que nossos filhos estão lutando sem concordar que a estação presente determinou seu destino. Podemos reconhecer que nosso lar está passando por tensão sem concordar que a divisão tem o direito de permanecer ali. O inimigo quer que nossas circunstâncias se tornem conclusões, mas a fé se recusa a colocar um ponto final onde Deus ainda pode estar escrevendo a história.

Isso é especialmente importante quanto à nossa linguagem, porque nossa boca frequentemente revela onde nosso acordo se estabeleceu. Tiago 3:10-11 (NVI) diz: “Da mesma boca procedem bênção e maldição. Meus irmãos, não deve ser assim. Será que uma fonte pode jorrar, ao mesmo tempo, água doce e água amarga?” Tiago expõe a contradição de usar a mesma boca para bênção e maldição. Devemos examinar se nossa fala concorda com a fé que professamos. Não podemos continuamente pedir a Deus que nos dê uma voz de fé enquanto usamos essa mesma voz para espalhar fofoca, acusação, cinismo, medo e desesperança.

Nossos lares precisam desesperadamente disso. Imagine a contradição quando estamos na igreja cantando sobre a fidelidade de Deus, mas nossos filhos não ouvem nada além de negatividade de nós em casa. Imagine pedir a nossos filhos que confiem em Deus enquanto eles continuamente nos ouvem falar como se Deus não pudesse prover. Imagine ensiná-los a honrar a igreja enquanto constantemente os ouvem nos criticar crentes e líderes à mesa do jantar. Imagine dizer-lhes que a oração é poderosa enquanto nunca nos veem orar fora do prédio da igreja. Nossos filhos aprendem cristianismo não apenas com o que lhes ensinamos, mas com o que observam em nós.

Isso foi lindamente ilustrado na mensagem através da história da tia Grace e do tio Hubert. Depois de um jejum prolongado, a família se reuniu ao redor de uma mesa cheia de comida. No entanto, em vez de correr para a refeição, a oração se tornou tão natural para eles que a ação de graças se transformou em uma longa oração, e a comida acabou esfriando. O significado da história não é que toda família deva orar até a janta esfriar. O significado é que a vida privada deles concordava com sua fé pública. A oração não era algo reservado para o prédio da igreja. Ela vivia à mesa da sala de jantar. O relacionamento

deles com Deus não era apenas algo que exibiam publicamente. Moldava a atmosfera de seu lar.

Esse é o tipo de acordo que devemos desejar. Queremos que nossa vida privada concorde com nossa adoração pública. Queremos ser cristãos na igreja e cristãos em casa. Queremos que nossos cônjuges encontrem em nós o mesmo espírito que as pessoas veem quando nossas mãos estão levantadas em adoração. Queremos que nossos filhos saibam que a pessoa que veem adorando no domingo é a mesma pessoa que encontram na segunda-feira de manhã. O cristianismo autêntico não exige perfeição, mas exige integridade. Quando falhamos, nos arrependemos. Quando falamos errado, pedimos desculpas. Quando perdemos a paciência, assumimos a responsabilidade. Não criamos uma imagem religiosa em público enquanto protegemos uma vida completamente diferente em particular.

O inimigo adoraria o oposto. Ele quer que nosso altar pareça espiritual enquanto nosso lar está cheio de ira. Ele quer que pareçamos pacientes na igreja enquanto tratamos nossa família com aspereza. Ele quer que falemos sobre graça em público enquanto nos recusamos a perdoar em particular. Ele quer que levantemos as mãos em adoração enquanto secretamente alimentamos apetites que estão destruindo nossa sensibilidade espiritual. Ele quer uma casa dividida, porque Jesus já nos disse o que acontece com casas divididas: eventualmente elas não conseguem permanecer.

É por isso que não podemos vencer batalhas espirituais vivendo continuamente em contradição espiritual. Não podemos orar em uma direção e deliberadamente caminhar em outra. Não podemos continuar declarando liberdade enquanto concordamos com a escravidão. Não podemos continuamente pedir a Deus visão enquanto escolhemos coisas que nos cegam espiritualmente. Não podemos pedir a Deus que restaure nossa voz enquanto enchemos nossa boca de palavras que contradizem Suas promessas. Em algum momento, nossas orações, palavras, hábitos, relacionamentos e decisões precisam começar a se mover na mesma direção.

O objetivo não é apenas parar de concordar com as trevas. Precisamos, intencionalmente, entrar em acordo com Deus. O acordo com Deus significa que, quando o medo diz: “Não há saída”, trazemos esse pensamento para debaixo do que Deus falou. Quando a vergonha diz: “Seu passado te define”, trazemos essa acusação para debaixo da verdade da graça de Deus. Quando o inimigo diz: “Você não pode mudar”, lembramos que a transformação é possível através de Jesus Cristo. Quando o desânimo diz: “Pare de orar por sua família”, continuamos orando. Quando nossa carne diz: “A transigência seria mais fácil”, escolhemos a obediência. O acordo com Deus não é apenas algo que cremos intelectualmente. Ele se torna visível através de nossas escolhas.

É aqui que a declaração da mensagem se torna tão poderosa: pare de ser educado com a sua escravidão. Há coisas que toleramos porque aprendemos a conviver com elas. Nós as administramos, as explicamos, as renomeamos e, às vezes, até construímos nossa identidade em torno delas. Dizemos: “É assim mesmo que eu sou”, quando Deus talvez esteja dizendo: “Isso é algo que eu quero transformar.” Dizemos: “Todo mundo na minha família tem gênio forte”, como se a repetição geracional desse permissão para a ira permanecer. Dizemos: “Sempre fui negativo”, ou “Sempre lutei com isso”, e, lentamente, nossa história se torna uma desculpa para continuar concordando.

Chega um momento em que a resistência espiritual exige que nos tornemos decisivos. Precisamos parar de negociar com aquilo que está minando nosso futuro. Precisamos parar de tratar a escravidão como um colega de quarto permanente. Precisamos parar de fazer as pazes com algo que Deus nos chamou a resistir. Há momentos em que precisamos nos posicionar espiritualmente e dizer: “Eu não vou mais concordar com isso.”

Eu não vou concordar com a mentira de que minha família não pode ser salva. Eu não vou concordar com a mentira de que meu casamento não pode se curar. Eu não vou concordar com a mentira de que meu passado me desqualificou permanentemente. Eu não vou concordar com o medo a respeito de meus filhos. Eu não vou concordar com a amargura só porque fui genuinamente ferido. Eu não vou concordar com a luxúria só porque a tentação continua aparecendo. Eu não vou concordar com o desânimo só porque a resposta ainda não chegou. Eu não vou concordar com a acusação de que Deus me abandonou só porque não entendo o que Ele está fazendo.

Nossos lares precisam de momentos como este. Uma família deveria conseguir estabelecer acordos espirituais juntos. Quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor. Podemos enfrentar batalhas, mas concordamos que Jesus é Senhor sobre esta casa. Podemos ter desavenças, mas concordamos que a divisão não se tornará nossa cultura. Podemos nos irritar, mas concordamos que a ira não vai controlar a atmosfera. Podemos cometer erros, mas concordamos que o arrependimento e o perdão sempre terão lugar aqui. Nossos filhos podem lutar, mas concordamos que continuaremos orando por eles, amando-os, ensinando-os e falando a Palavra de Deus sobre eles. Podemos passar por pressão financeira, doença, decepção e estações que nunca esperávamos, mas concordamos que as circunstâncias não vão substituir Deus como a autoridade que define nosso futuro.

O acordo não significa que a batalha desaparece imediatamente. Significa que decidimos qual lado da batalha vai receber nossa cooperação.

E isso nos leva a outra dimensão crucial da guerra espiritual. Uma vez que rompemos o acordo com uma mentira, não podemos simplesmente deixar um espaço vazio. O homem em Mateus 12 não teve apenas algo removido dele. Jesus restaurou o que a escravidão havia tirado. O homem que não conseguia ver, viu, e o homem que não conseguia falar, falou.

A liberdade bíblica não é apenas sobre remoção. É sobre restauração e substituição.

Não simplesmente removemos o medo. Nós o substituímos pela fé.

Não simplesmente rejeitamos mentiras. Nós as substituímos pela verdade.

Não simplesmente deixamos o isolamento. Passamos a viver em comunidade piedosa.

Não simplesmente silenciemos a confissão negativa. Aprendemos a falar a Palavra de Deus.

Não simplesmente destruimos fortalezas. Construimos nossa mente em torno da verdade.

A guerra espiritual não é apenas derrubar algo. É substituir o que estava ali por algo que concorda com Deus.

A guerra espiritual é uma batalha pelo acordo.

♦ REFLITA E ESCREVA

Com o que tenho concordado? Existem afirmações que repetidamente dizemos a nós mesmos, como: “Eu nunca vou mudar”, “Minha família nunca será restaurada”, “Meu filho está longe demais”, ou “Nada acontece quando eu oro”? Quais dessas conclusões realmente concordam com a Palavra de Deus?

PARTE 04

DESTRUINDO FORTALEZAS: QUANDO UMA FERIDA SE TORNA UMA VISÃO DE MUNDO

04

“As armas com as quais lutamos não são as armas do mundo. Ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.”

2 CORÍNTIOS 10:4-5 (NVI)

Paulo nos diz que estamos envolvidos em uma guerra, mas imediatamente faz uma distinção importante quanto às armas que usamos. “As armas com as quais lutamos não são as armas do mundo.” Em outras palavras, as batalhas espirituais não podem ser vencidas com armas carnis. A ira não é uma arma espiritual. A manipulação não é uma arma espiritual. O sarcasmo não é uma arma espiritual. O controle não é uma arma espiritual. O drama não é uma arma espiritual. Nossa personalidade não é uma arma espiritual, e nossa teimosia também não é. Podemos lutar muito na carne e ainda assim realizar muito pouco espiritualmente, porque estamos usando as armas erradas contra o inimigo errado.

Isso é especialmente importante em nossas famílias, porque, às vezes, lutamos contra a pessoa que está diante de nós sem discernir a pressão espiritual que afeta o relacionamento. Um marido e uma esposa podem passar horas brigando um com o outro sem jamais reconhecer a divisão que está tentando entrar no casamento. Os pais podem ficar tão irritados com seus filhos que gastam toda a sua energia lutando contra o comportamento da criança, dando muito pouca atenção às influências que estão tentando moldar o coração dela. Podemos lutar contra pessoas na igreja sem jamais confrontar a acusação, a ofensa, a suspeita ou o orgulho que está envenenando o relacionamento. Podemos até passar anos lutando contra nós mesmos porque acreditamos em uma mentira sobre nossa identidade. Paulo nos lembra que, se a batalha é espiritual, armas carnis nunca serão suficientes.

Paulo então nos diz que nossas armas espirituais são “poderosas em Deus para destruir fortalezas”. Uma fortaleza não é simplesmente um pensamento ruim que entrou em nossa mente ontem. A imagem é de algo fortificado, estabelecido, reforçado e defendido. Espiritualmente, existem formas de pensar que podem se tornar tão profundamente estabelecidas dentro de nós que passam a influenciar a maneira como interpretamos tudo ao nosso redor. Um pensamento se torna um padrão, o padrão se torna uma suposição, a suposição se torna uma crença, e, eventualmente, a crença se torna a lente através da qual vemos toda a nossa vida.

É por isso que a declaração do Pastor Tisdale é tão importante: “Cuidado para que sua ferida não se torne sua visão de mundo.”

Cuidado para que sua ferida não se torne sua visão de mundo.

Uma ferida é algo que aconteceu conosco. Uma visão de mundo é a lente através da qual interpretamos o que continua a nos acontecer. O perigo é que algo doloroso do nosso passado pode se tornar o filtro através do qual interpretamos o presente e prevemos o futuro. A ferida original pode ter sido real. O que

aconteceu pode, de fato, ter sido errado. Podemos ter sido traídos, abandonados, rejeitados, maltratados, decepcionados ou explorados. O cristianismo não exige que neguemos essa dor. Mas precisamos tomar cuidado para que a ferida de ontem não se torne a lente de hoje.

Por exemplo, talvez alguém tenha vivido o abandono no início da vida. A ferida diz: “Alguém em quem eu confiava me deixou.” Isso pode ser completamente verdade. Mas, quando a ferida se torna uma visão de mundo, a conclusão muda para: “Todos que eu amo, eventualmente, me deixam.” Agora, o passado deixa de ser simplesmente algo que aconteceu. Ele se tornou uma profecia sobre o futuro. Todo relacionamento é interpretado através do abandono. Se alguém demora mais do que o normal para responder a uma mensagem, o medo imediatamente diz que essa pessoa está se afastando. Se um amigo fica ocupado, a mente presume rejeição. Se um cônjuge precisa de espaço depois de uma discussão, a ferida começa a pregar: “Lá vem de novo. Essa pessoa também vai embora.” O que começou como uma experiência dolorosa agora se tornou uma lente que interpreta experiências que talvez não tenham nada a ver com a ferida original.

Talvez alguém tenha sido traído. O acontecimento foi real, mas, se a traição se torna uma visão de mundo, a conclusão se torna: “Ninguém pode ser confiável.” Agora, pessoas inocentes começam a pagar o preço por algo que outra pessoa fez. Nos protegemos de sermos feridos novamente, recusando-nos a ficar vulneráveis, mas, eventualmente, os muros que construímos para manter a dor fora também impedem que relacionamentos saudáveis entrem. Podemos chamar isso de sabedoria quando, na verdade, é medo vestido com as roupas da sabedoria. A fortaleza começa a se defender, dizendo-nos: “Nunca mais confie. Nunca mais se abra. Nunca deixe ninguém chegar perto o suficiente para te machucar de novo.”

O mesmo pode acontecer financeiramente. Talvez alguém tenha sido manipulado ou explorado financeiramente. Essa ferida pode, eventualmente, se tornar uma visão de mundo que diz: “Toda vez que alguém fala sobre generosidade, está tentando se aproveitar de mim.” Agora, a pessoa não avalia mais cada situação segundo a verdade e a sabedoria. Tudo é interpretado através do que aconteceu antes. Uma ferida do passado ganhou autoridade sobre a obediência presente.

É por isso que a cura não é simplesmente esquecer o que aconteceu. A cura envolve recusar-se a permitir que o que aconteceu se torne a autoridade que interpreta tudo o que acontece a seguir.

Nossas feridas merecem compaixão, mas não merecem senhorio.

Jesus precisa permanecer Senhor sobre a forma como interpretamos nossa vida.

Paulo continua nos dizendo para “destruir argumentos”. Isso é poderoso, porque nossa mente tem a capacidade de pegar informações limitadas e construir realidades inteiras em torno delas. Algo acontece, e imediatamente começamos a preencher os detalhes que faltam. Alguém envia uma mensagem curta, e presumimos que está com raiva. Alguém não aperta nossa mão na igreja, e começamos a nos perguntar se tem algo contra nós. Alguém não responde da maneira que esperávamos, e nossa mente começa a escrever uma história explicando o motivo. Em pouco tempo, estamos irritados, feridos, ansiosos ou

ofendidos por algo que talvez nunca tenha realmente acontecido.

Um argumento nem sempre começa com algo completamente falso. Às vezes, há uma pequena informação que levamos muito além do que ela pode sustentar. Tomamos uma decisão ruim e dizemos: “Eu sempre tomo decisões terríveis.” Vivemos um relacionamento fracassado e dizemos: “Ninguém nunca vai me amar.” Passamos por uma estação difícil e dizemos: “Minha vida vai ser sempre assim.” Vivemos uma decepção no ministério e concluímos: “Deus não pode me usar.” Um momento se torna um padrão, o padrão se torna uma identidade, e a identidade se torna uma previsão sobre o futuro.

Precisamos aprender a reconhecer quando nossa mente está catastrofizando nossas circunstâncias. Um erro não é nossa identidade. Uma rejeição não determina nosso valor. Um fracasso não determina nosso futuro. Uma estação ruim não significa que toda estação será ruim. Um capítulo difícil não nos dá permissão para escrever o final de toda a história.

É por isso que Paulo não nos diz para negociar com os argumentos. Ele diz para destruí-los.

Há pensamentos que não merecem outra reunião.

Há acusações que não merecem outra explicação.

Há medos que não merecem outra noite de nossa atenção.

Há conversas imaginárias que não merecem outra hora de ensaio.

Há conclusões que tiramos e que precisam ser derrubadas, porque se exaltaram acima do que Deus falou.

Paulo descreve “toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus”. Uma pretensão elevada é algo que tenta se erguer acima daquilo que sabemos ser verdade sobre Deus. Sabemos que Deus é fiel, mas o medo diz que Ele nos abandonou. Sabemos que Deus é misericordioso, mas a vergonha diz que nosso fracasso é maior do que Sua graça. Sabemos que Deus pode restaurar, mas a desesperança diz que nada nunca vai mudar. Sabemos que Deus ouve a oração, mas a decepção diz que não há razão para continuar orando. Sabemos o que dizem as Escrituras, mas outro pensamento tenta se posicionar acima desse conhecimento.

É aí que a guerra espiritual se torna uma batalha pela verdade. Precisamos decidir qual voz recebe a posição mais alta em nossa mente.

Nem todo pensamento merece autoridade só porque é alto.

Nem todo medo merece liderança só porque parece real.

Nem toda suspeita tem o direito de pastorear nosso espírito.

Nem toda lembrança tem o direito de se tornar nossa senhora.

Esse último princípio é particularmente importante, porque as lembranças podem se tornar extremamente poderosas. Algo que aconteceu há dez ou vinte anos ainda pode influenciar como reagimos hoje. A lembrança em si talvez nunca desapareça, mas ela não precisa permanecer no comando. Podemos lembrar sem permanecer cativos. Podemos reconhecer o que aconteceu sem permitir que o que aconteceu dite quem estamos nos tornando. O objetivo não é necessariamente apagar nossa história. O objetivo é colocar nossa história debaixo do senhorio de Jesus Cristo.

Paulo diz que devemos levar “cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”. Observe a inversão. O inimigo quer que nossos pensamentos nos tornem cativos, mas as Escrituras nos dizem para tornar cativos os nossos pensamentos. Não precisamos nos tornar prisioneiros de tudo o que entra em nossa mente. Através do Espírito e da Palavra de Deus, podemos examinar nossos pensamentos e perguntar: “Isso concorda com Jesus? Isso concorda com as Escrituras? Esse pensamento está me levando à fé, à verdade, à obediência e à santidade, ou está me levando ao medo, à amargura, à acusação, à tentação e à desesperança?”

Se o pensamento não concorda com Cristo, não precisamos dar a ele residência permanente.

Isso exige disciplina, porque os pensamentos se fortalecem através da repetição. Um pensamento entretido uma vez pode ser uma tentação, mas um pensamento entretido repetidamente pode começar a formar um caminho. Eventualmente, paramos de questioná-lo porque ele parece familiar. A familiaridade começa a parecer verdade. Dizemos: “É assim mesmo que eu penso”, sem perceber que a forma como pensamos pode ter sido moldada por anos concordando repetidamente com a mesma mentira.

É por isso que precisamos ter cuidado com o que continuamente entretemos em nossa mente. O que entretemos consistentemente pode, eventualmente, se tornar o que habitamos permanentemente. Os pensamentos que repetidamente acolhemos começam a criar a arquitetura interna em que vivemos. Se continuamente entretemos a suspeita, começamos a viver na desconfiança. Se continuamente entretemos a comparação, começamos a viver na insatisfação. Se continuamente entretemos o medo, começamos a viver como se o desastre estivesse sempre à espreita. Se continuamente entretemos a ofensa, começamos a viver em um mundo onde todos se tornam inimigos em potencial. Se continuamente entretemos a desesperança, começamos a construir um futuro em nossa mente onde Deus já perdeu.

Mas o contrário também é verdade. Se continuamente enchemos nossa mente com a Palavra de Deus, a verdade começa a moldar a arquitetura do nosso pensamento. Se continuamente lembramos a fidelidade de Deus, a gratidão começa a desafiar o medo. Se continuamente meditamos em Suas promessas, a fé começa a influenciar a maneira como interpretamos as circunstâncias. Se continuamente trazemos nossos pensamentos a Jesus, nossa mente pode, aos poucos, se tornar um lugar onde a verdade é mais forte do que a acusação.

Filipenses 4:8 (NVI) nos dá um padrão poderoso: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é admirável, tudo o que é de boa fama, se há algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.” Paulo não apenas nos diz no que

parar de pensar. Ele nos ensina o que deve substituir os padrões pouco saudáveis. A transformação bíblica não é apenas a remoção de um pensamento; é a renovação da mente.

Isso é especialmente importante para os pais, porque nossos filhos estão desenvolvendo padrões de pensamento que podem acompanhá-los por anos. Precisamos ter cuidado com as identidades que repetidamente falamos sobre eles. Uma criança não deveria crescer ouvindo: “Você é preguiçoso”, “Você nunca faz nada certo”, “Você é o difícil da família”, ou “Você nunca vai mudar”. A correção é necessária, mas a correção deve tratar o comportamento sem transformar um comportamento temporário em identidade permanente. Há diferença entre dizer: “O que você fez foi desonesto”, e dizer: “Você é mentiroso.” Há diferença entre corrigir a irresponsabilidade e repetidamente definir uma criança como irresponsável. Nossas palavras podem ajudar a moldar a arquitetura interna das pessoas que Deus nos confiou.

Nossos lares deveriam, portanto, se tornar lugares onde as mentiras são confrontadas com a verdade. Quando o medo entra, nos lembramos uns aos outros da fidelidade de Deus. Quando um de nossos filhos se sente inadequado, lembramos a ele que sua identidade não é determinada pela comparação. Quando ocorre o fracasso, ensinamos o arrependimento sem criar vergonha. Quando alguém está ferido, criamos espaço para a cura sem permitir que a ferida se torne sua identidade. Quando a ansiedade aumenta, oramos juntos. Quando uma mentira começa a se repetir, trazemos as Escrituras para a conversa.

Às vezes, precisamos ser muito práticos quanto a isso. Se nossa mente continuamente diz: “Estou sozinho”, não devemos simplesmente ficar com esse pensamento até que ele se fortaleça. Nós o trazemos a Cristo. Se o pensamento diz: “A oração não está funcionando”, continuamos orando. Se o desânimo diz: “Não há razão para continuar jejuando”, nos recusamos a permitir que o desânimo determine nossas disciplinas espirituais. Se o pensamento diz: “Sua família nunca vai mudar”, voltamos às promessas de Deus e continuamos intercedendo. Se a vergonha diz: “Deus não pode te usar por causa do seu passado”, confrontamos a vergonha com a verdade da redenção.

Isso não significa que usamos as Escrituras para fingir que emoções dolorosas não existem. Levar um pensamento cativo não é negação emocional. Às vezes, precisamos de oração, conversa, prestação de contas, cuidado pastoral ou apoio profissional como parte do processo de cura. Mas qualquer ajuda que recebamos deve, em última instância, nos mover em direção à verdade, em vez de fortalecer uma mentira. Estamos aprendendo a diferença entre o que sentimos e o que vamos permitir que nos governe.

Essa batalha importa, porque o inimigo entende que, se conseguir moldar nossos pensamentos, pode influenciar nossas escolhas. Se conseguir influenciar nossas escolhas por tempo suficiente, pode começar a moldar nossos hábitos. Se conseguir moldar nossos hábitos, pode influenciar nosso caráter e nossa direção. Portanto, algumas das maiores vitórias espirituais em nossa vida podem acontecer silenciosamente, em momentos em que ninguém mais sabe que uma batalha está ocorrendo, quando um pensamento entra em nossa mente e, em vez de concordar com ele, dizemos: “Não. Isso não concorda com o que Deus falou.”

Nós o derrubamos.

Nós o trazemos cativo.

Nós o substituímos pela verdade.

E então continuamos caminhando.

A fortaleza pode ter levado anos para ser construída, e alguns padrões podem exigir renovação persistente em vez de desaparecerem em um único momento. Mas nunca devemos confundir uma batalha longa com uma batalha invencível. Paulo diz que nossas armas são “poderosas em Deus”. Fortalezas podem cair. Mentes podem ser renovadas. Feridas podem sarar. Padrões podem mudar. O medo não precisa permanecer nossa visão de mundo. O abandono não precisa definir todo relacionamento. O fracasso não precisa se tornar nossa identidade. O ontem não precisa se tornar o arquiteto do amanhã.

Mas, para derrubar uma mentira, precisamos conhecer a verdade que a substitui.

É por isso que a próxima dimensão da guerra espiritual é absolutamente essencial. Jesus disse em João 8:32 (NVI): “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.” O inimigo nem sempre precisa de poder suficiente para nos dominar, se conseguir nos convencer a acreditar em algo que não é verdade. Desde a pergunta da serpente em Gênesis, “Foi isto mesmo que Deus disse...?”, até Jesus, no deserto, declarando “Está escrito”, as Escrituras revelam que a guerra espiritual é, fundamentalmente, uma batalha pela verdade.

Antes de a guerra espiritual se tornar uma batalha de poder, ela é, frequentemente, uma batalha pela verdade.

♦ REFLITA E ESCREVA

Uma ferida do meu passado se tornou a lente através da qual vejo meu presente? O abandono nos ensinou que todos vão embora? A traição nos convenceu de que ninguém pode ser confiável? O fracasso nos convenceu de que sempre vamos fracassar? O que aconteceu conosco pode ser real, mas isso recebeu autoridade para definir tudo o que acontece a seguir?

Que pensamento precisa ser levado cativo hoje? Identifique um pensamento que repetidamente produz medo, vergonha, raiva, insegurança, comparação, desesperança ou acusação. Que Escritura podemos colocar contra esse pensamento para que a verdade de Deus se torne a maior autoridade?

PARTE 05

ESTÁ ESCRITO: VENCENDO A BATALHA PELA VERDADE

05

“e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.”

JOÃO 8:32 (NVI)

Se a guerra espiritual é uma batalha pelo acordo, então a verdade se torna absolutamente essencial, porque não podemos romper o acordo com uma mentira a menos que conheçamos a verdade que a contradiz. Jesus liga a liberdade diretamente à verdade. Ele não diz que nossos sentimentos vão nos libertar, que nossas circunstâncias vão nos libertar, nem mesmo que uma experiência espiritual emocional, por si só, vai nos libertar. Ele diz: “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.” Isso significa que uma das maiores estratégias do inimigo é o engano. Ele nem sempre precisa de poder suficiente para nos dominar, se conseguir nos convencer a acreditar em algo que não é verdade. Se uma mentira consegue moldar a forma como vemos a Deus, a nós mesmos, nossas famílias e nosso futuro, então, eventualmente, essa mentira pode influenciar a forma como vivemos.

Vemos essa estratégia desde o início das Escrituras. Em Gênesis 3, a serpente não domina Eva fisicamente. Ela não a agarra nem a força a comer o fruto. Seu ataque começa com uma pergunta dirigida ao que Deus havia falado. Gênesis 3:1 (NVI) registra a serpente perguntando: “Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?” Essa pergunta revela algo sobre a guerra espiritual que continua relevante hoje. O primeiro ataque foi contra a confiabilidade e a autoridade da Palavra de Deus. Antes de o inimigo tentar mudar o comportamento de Eva, ele tentou mudar seu relacionamento com o que Deus havia dito.

A estratégia da serpente era criar incerteza suficiente em torno da Palavra de Deus para que Eva começasse a interpretar o mandamento de Deus de forma diferente. Uma vez que a Palavra se tornou questionável, a desobediência se tornou razoável. Esse padrão ainda aparece na guerra espiritual. O inimigo continua atacando a Palavra, porque a Palavra estabelece os limites dentro dos quais vivemos. “Será que a santidade realmente importa? O perdão realmente precisa acontecer? Realmente importa o que eu permito em minha mente? Deus realmente se importa com a forma como eu falo? A obediência realmente importa tanto assim? Meu corpo realmente pertence a Deus? Deus realmente espera que minha casa O sirva?” A linguagem pode mudar de geração para geração, mas a estratégia permanece familiar. Se o inimigo consegue fazer com que o que Deus claramente falou pareça incerto, eventualmente aquilo que Deus proibiu pode começar a parecer aceitável.

É por isso que a guerra espiritual é frequentemente uma batalha pela verdade antes de se tornar uma batalha de poder. A pergunta não é simplesmente se o inimigo está nos atacando. A pergunta é se conhecemos verdade suficiente para reconhecer o ataque. Uma mentira se torna muito mais perigosa quando não sabemos que é mentira. Se não sabemos o que as Escrituras dizem sobre nossa identidade, então as acusações podem nos definir. Se não sabemos o que as Escrituras dizem sobre a pureza, a cultura vai defini-la por nós. Se não sabemos o que as Escrituras dizem sobre o casamento, os relacionamentos, o perdão, a generosidade, a adoração e a obediência, então qualquer voz que fale com mais frequência pode, aos poucos, se tornar a voz em que acreditamos.

É por isso que a tentação de Jesus no deserto é tão importante. Jesus nos mostra como é confrontar a pressão espiritual a partir de um lugar de acordo completo com o Pai. O inimigo vem a Jesus depois de um longo período de jejum e O ataca em um momento de fraqueza física, mas Jesus não responde a partir de Seus sentimentos. Ele não entra em uma longa discussão emocional com Satanás. Ele não permite que Sua fome, Suas circunstâncias ou Seu desconforto redefinam o que é verdade. Sua resposta repetida é simples e poderosa: “Está escrito.”

Essas três palavras estabelecem um limite.

“Está escrito” significa que meu apetite não determina a verdade. “Está escrito” significa que minhas circunstâncias não podem reescrever a verdade. “Está escrito” significa que a tentação não tem o direito de reinterpretar a verdade. “Está escrito” significa que a cultura não possui autoridade suficiente para revisar o que Deus falou. “Está escrito” significa que, mesmo quando minhas emoções estão dizendo algo diferente, a Palavra de Deus permanece a autoridade final.

A primeira tentação revela como o inimigo pode nos atacar através de apetites físicos e necessidades imediatas. Mateus 4:3-4 (NVI) diz: “O tentador aproximou-se e disse: ‘Se você é o Filho de Deus, mande que estas pedras se transformem em pães.’ Jesus respondeu: ‘Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.’” Jesus estava genuinamente com fome. A necessidade física era real. A fome não era imaginária, e comer pão não era inerentemente pecaminoso. A questão era se Jesus permitiria que um apetite imediato O movesse para fora da vontade do Pai.

Isso é extremamente relevante para nós, porque nem toda tentação começa com um desejo por algo inerentemente mau. Às vezes, a batalha é sobre se um desejo legítimo se tornará mais autoritário do que a obediência. O desejo de ser amado é legítimo, mas esse desejo não pode nos levar a um relacionamento que continuamente nos afasta de Deus. O desejo por segurança financeira é legítimo, mas não pode se tornar ganância. O desejo de ser compreendido é legítimo, mas não pode justificar a amargura quando alguém nos entende mal. O desejo pela intimidade sexual é dado por Deus, mas precisa permanecer dentro do desígnio dEle. O desejo de ter sucesso não é errado, mas o sucesso não pode se tornar mais importante do que a integridade. Maturidade espiritual significa que nossos apetites estão submetidos à verdade, em vez de a verdade ser reescrita para acomodar nossos apetites.

Jesus responde: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.” Em outras palavras, há algo mais necessário para a vida do que satisfazer todo apetite imediato. Vivemos pela Palavra de Deus. É por isso que o próprio jejum se torna uma disciplina espiritual tão significativa. O jejum ensina nossa carne que um apetite pode ser real sem se tornar nosso senhor. Podemos sentir fome e ainda assim dizer não. Da mesma forma, podemos experimentar a tentação e ainda assim obedecer. Podemos experimentar a ira e ainda assim perdoar. Podemos experimentar o medo e ainda assim andar pela fé. Podemos desejar algo intensamente e ainda assim dizer: “Se isso contradiz a Palavra e a vontade de Deus, então o meu desejo não recebe o voto final.”

A tentação também ataca a identidade de Jesus. Imediatamente antes do deserto, o Pai havia falado a respeito de Jesus em Seu batismo: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mateus 3:17, NVI).

Então, o tentador vem e diz: “Se você é o Filho de Deus...” O ataque vem diretamente contra o que o Pai já havia declarado. Deus disse: “Este é o meu Filho.” O inimigo diz: “Se você é o Filho.” Isso revela outra estratégia comum da guerra espiritual: o inimigo desafia o que Deus falou na tentativa de nos fazer provar algo que Deus já estabeleceu.

Muitas de nossas batalhas se tornam desnecessariamente exaustivas porque estamos tentando provar uma identidade que deveria ser recebida de Deus. Queremos que as pessoas nos afirmem, nos reconheçam, nos aprovem e nos validem, porque, no fundo, ainda estamos perguntando: “Será que eu realmente sou quem Deus diz que eu sou?” Quando nossa identidade é insegura, a crítica se torna devastadora, porque precisamos da concordância de todos para nos sentirmos seguros. A rejeição se torna insuportável, porque interpretamos a rejeição de alguém como evidência de que algo está errado conosco. A comparação se torna constante, porque precisamos saber onde estamos em relação a todos os outros.

Mas Jesus não realiza um milagre apenas para provar Sua identidade ao diabo. Ele não precisa da concordância de Satanás quanto ao que o Pai já falou.

Há liberdade em aprender isso. Não precisamos que o inimigo concorde com o que Deus falou sobre nós. Não precisamos que todas as pessoas entendam nosso chamado. Não precisamos que todos afirmem nossa obediência. Não precisamos vencer todos os argumentos, corrigir todas as acusações ou convencer todos os críticos. Há momentos em que nossa confiança precisa simplesmente descansar nisto: Deus falou, e Sua Palavra é suficiente.

Isso se torna especialmente importante para nossos filhos e jovens adultos, porque eles estão crescendo em uma cultura que constantemente lhes pede que estabeleçam sua identidade através da afirmação externa. As redes sociais podem transformar a identidade em um voto público. A aprovação é contada através de visualizações, curtidas, comentários, seguidores e reações. A comparação se torna quase inevitável, porque estamos constantemente vendo versões editadas da vida de todos os outros. Se nossos filhos não aprenderem a receber sua identidade de Deus, inevitavelmente vão buscá-la em outro lugar. E o que quer que nos dê identidade acaba ganhando enorme influência sobre nós.

Nossos lares deveriam, portanto, ser lugares onde a identidade bíblica é continuamente reforçada. Nossos filhos precisam de mais do que regras sobre o que os cristãos devem ou não fazer. Eles precisam entender quem são e a quem pertencem. A convicção se torna muito mais forte quando cresce a partir da identidade. Não buscamos a santidade apenas porque nossos pais estabeleceram uma regra. Buscamos a santidade porque pertencemos a Jesus. Não guardamos nosso corpo porque o corpo é mau. Nós o guardamos porque as Escrituras ensinam que nosso corpo é templo do Espírito Santo. Não nos separamos de certas influências porque temos medo do mundo. Estabelecemos limites porque sabemos aquilo para o qual Deus nos chamou a nos tornar.

A tentação no deserto também expõe o perigo de precisar de afirmação pública. Satanás leva Jesus ao ponto mais alto do templo e Lhe diz para se lançar dali, chegando a tentar usar as Escrituras na tentação. A tentação, essencialmente, convida Jesus a criar uma demonstração pública dramática que provaria

quem Ele é. Isso nos lembra que até as Escrituras podem ser mal utilizadas quando são separadas de seu significado adequado e submetidas a motivos egoístas. O inimigo pode citar palavras da Bíblia enquanto ainda tenta nos afastar da vontade de Deus. Portanto, conhecer versículos isolados não é suficiente. Precisamos conhecer a Palavra em relacionamento com o Deus que a deu.

Jesus se recusa a construir Sua identidade em torno do espetáculo. Ele não precisa fabricar um momento que force as pessoas a O reconhecerem. Isso nos desafia, porque, às vezes, queremos evidências visíveis que provem nossa importância. Queremos a posição, o título, a plataforma, o reconhecimento, o relacionamento, a conquista ou a oportunidade, porque pensamos que isso finalmente confirmará que nossa vida importa. No entanto, a identidade que depende de aplausos sempre permanecerá vulnerável ao silêncio. Se a aprovação das pessoas nos dá nossa identidade, a crítica das pessoas pode tirá-la.

A terceira tentação expõe outra estratégia: os atalhos. Satanás mostra a Jesus os reinos do mundo e os oferece em troca de adoração. A tentação oferece um destino sem o caminho da obediência e do sofrimento. Jesus veio para estabelecer Seu reino, mas o inimigo Lhe oferece algo que parece se assemelhar ao destino enquanto evita a cruz. A oferta é, essencialmente: "Você pode ter algo que se parece com aquilo para o qual você veio, sem passar pelo que a obediência exige."

Todos nós vamos enfrentar atalhos.

Haverá oportunidades de obter algo que desejamos comprometendo algo que Deus falou. Haverá momentos em que a desonestidade parecerá mais fácil do que a integridade, em que a transigência parecerá mais rápida do que a obediência, em que ir embora parecerá mais fácil do que lutar pela restauração, ou em que desistir parecerá mais fácil do que perseverar. O inimigo adora atalhos, porque os atalhos frequentemente prometem o destino enquanto ignoram a transformação que Deus pretendia produzir através da jornada.

Mas algumas coisas não podem ser apressadas sem serem danificadas.

Deus pode prometer algo sem prometer que vai acontecer imediatamente. O tempo entre a promessa e o cumprimento frequentemente se torna o lugar onde nosso caráter é formado. Se ficamos tão desesperados pela promessa a ponto de estarmos dispostos a violar os princípios de Deus para obtê-la, então a promessa se tornou mais importante para nós do que o Deus que a deu.

Jesus recusa o atalho porque entende que quem adoramos determina a quem servimos. Há coisas que precisamos estar dispostos a perder em vez de nos curvamos. Há oportunidades das quais precisamos estar dispostos a nos afastar. Há relacionamentos que precisamos recusar, se mantê-los exige que comprometamos nossa adoração. Há oportunidades financeiras que não valem o preço espiritual que carregam. Há formas de sucesso que, na verdade, são fracasso, se alcançá-las exige que nos tornemos alguém que Deus nunca nos chamou a ser.

Em cada tentação, Jesus responde com a Palavra.

É por isso que as Escrituras não podem continuar sendo algo que apenas ouvimos ser pregado. A Palavra precisa se tornar algo que conhecemos pessoalmente. O Pastor Tisdale fez essa afirmação com força: não podemos resistir com uma Bíblia que nunca abrimos. Não podemos brandir uma espada que nunca pegamos, e não podemos responder mentiras com uma verdade que nunca escondemos em nosso coração.

Salmos 119:11 (NVI) diz: “Guardei a tua palavra no coração para não pecar contra ti.” O salmista compreendia que há diferença entre ter acesso às Escrituras e ter as Escrituras escondidas dentro de nós. Vivemos em uma geração com acesso extraordinário à Bíblia. Podemos carregar centenas de traduções em um celular. Podemos pesquisar qualquer versículo em segundos. Podemos ouvir sermões o dia inteiro. No entanto, o acesso à informação não produz automaticamente formação espiritual. A pergunta é se a Palavra saiu da tela e entrou no coração.

Escondemos a Palavra antes da batalha, porque a pressão revela o que já foi colocado dentro de nós. Quando a tentação chega, o que está por dentro começa a falar. Quando o medo chega, o que está por dentro começa a falar. Quando nossos filhos entram em uma crise, o que está por dentro começa a falar. Quando o diagnóstico chega, quando a pressão financeira aparece, quando alguém nos machuca, quando nosso casamento entra em uma estação difícil, ou quando acordamos no meio da noite com os pensamentos acelerados, descobrimos o que foi armazenado dentro de nós.

É por isso que nossas famílias precisam das Escrituras antes da crise. Não devemos esperar que nossos filhos estejam sob ataque para começar a lhes ensinar o que Deus diz. Não devemos esperar que um casamento esteja desmoronando para descobrir os princípios bíblicos para o casamento. Não devemos esperar que a tentação se torne avassaladora para começar a estabelecer convicções. Não devemos esperar que a ansiedade controle nossos pensamentos para começar a esconder as Escrituras em nosso coração. Construimos antes da tempestade. Escondemos a Palavra antes da tentação. Aprendemos a verdade antes de o engano vir buscar acordo.

Todo crente deveria começar a desenvolver uma resposta de “está escrito” para as áreas em que repetidamente experimentamos pressão. Se o medo repetidamente nos ataca, precisamos saber o que está escrito sobre o medo. Se a vergonha repetidamente ataca nossa identidade, precisamos de Escrituras sobre a graça, a redenção e quem somos em Cristo. Se nossa família está sob pressão, precisamos de Escrituras que ancorem nossas orações e decisões. Se nossa mente continuamente se move para a desesperança, precisamos de verdade forte o suficiente para interromper esse padrão. O objetivo não é apenas memorizar palavras como se as Escrituras fossem uma fórmula mágica. O objetivo é conhecer a Palavra de Deus tão profundamente que, quando outra voz tentar reinterpretar nossa vida, reconheçamos imediatamente que ela não concorda com a verdade.

Quando o inimigo diz: “Você não vai conseguir”, precisa haver um “está escrito”.

Quando o medo diz: “Deus se esqueceu da sua família”, precisa haver um “está escrito”.

Quando a tentação diz: “Todo mundo faz isso”, precisa haver um “está escrito”.

Quando a vergonha diz: “Seu passado é mais forte que a graça de Deus”, precisa haver um “está escrito”.

Quando o desânimo diz: “Pare de orar”, precisa haver um “está escrito”.

Quando a cultura diz: “Os limites de Deus já não importam”, precisa haver um “está escrito”.

Quando nossas próprias emoções dizem: “Não estou com vontade de obedecer”, ainda assim precisa haver um “está escrito”.

O poder não está em repetir uma frase religiosa. O poder está em trazer nossos pensamentos, apetites, emoções e decisões de volta para debaixo da autoridade do que Deus falou.

E talvez seja aqui que a batalha pelo acordo se torna mais prática. Todos os dias, vozes estão pedindo nosso acordo. Nossas emoções falam. A cultura fala. Nossas feridas falam. Os amigos falam. Os algoritmos falam. O medo fala. A tentação fala. Nosso passado fala. O inimigo fala. Mas, acima de todas essas vozes, está a Palavra de Deus.

A pergunta não é se outras vozes vão falar.

A pergunta é qual voz terá autoridade para definir a verdade.

Jesus resolveu essa questão no deserto.

“Está escrito.”

Precisamos resolvê-la também.

No entanto, as Escrituras também revelam algo surpreendente sobre a guerra espiritual. Às vezes, depois de nos submetermos a Deus, fecharmos portas, rompermos o acordo com mentiras, derrubarmos fortalezas e nos firmarmos na Palavra, a batalha não desaparece imediatamente. Às vezes, oramos para que Deus remova a resistência, e Ele permite que parte dela permaneça.

Isso nem sempre significa que fracassamos.

Às vezes, a própria batalha está nos treinando.

Juizes 3 nos diz que Deus intencionalmente deixou certos inimigos na terra para que uma geração que nunca havia vivido a guerra pudesse aprender a lutar. Salmos 144 descreve o Senhor como Aquele que treina nossas mãos para a batalha e nossos dedos para a guerra.

Há batalhas das quais Deus nos livra, mas há também batalhas através das quais Deus nos desenvolve.

E isso nos leva a outro princípio essencial:

Não desperdice a luta.

Antes de a guerra espiritual se tornar uma batalha de poder, ela é, frequentemente, uma batalha pela verdade.

◆ REFLITA E ESCREVA

Qual é o meu “está escrito” pessoal para a batalha que estou enfrentando agora? Não espere até o próximo ataque para buscar a verdade. Que Escritura precisamos esconder em nosso coração a respeito de nosso casamento, nossos filhos, nossa pureza, nossa identidade, nosso medo, nosso chamado ou nosso futuro?

PARTE 06

NÃO DESPERDICE A LUTA: QUANDO DEUS USA A RESISTÊNCIA PARA NOS TREINAR

06

“Estas são as nações que o Senhor deixou, a fim de pôr à prova todos os israelitas que não tinham vivido nenhuma das guerras de Canaã, com o propósito apenas de ensinar a guerra às gerações de israelitas que não tinham experiência anterior nela.”

JUÍZES 3:1–2 (NVI)

Há algo surpreendente nesta passagem. Deus havia trazido Israel para a Terra Prometida, mas não removeu imediatamente todos os inimigos ao seu redor. Juízes nos diz que certas nações permaneceram para que uma geração que nunca havia vivenciado as batalhas de Canaã pudesse aprender a guerra. Isso não significa que Deus se agradasse do sofrimento de Israel, nem significa que toda batalha em nossa vida tenha sido enviada diretamente por Deus. Mas isso nos ensina um princípio importante: Deus pode usar a resistência para desenvolver dentro de nós algo que o conforto jamais poderia produzir.

Naturalmente, queremos que toda batalha termine imediatamente. Quando oramos, geralmente oramos pela remoção. “Deus, tira isto. Muda esta situação. Remove esta tentação. Conserta este relacionamento. Abre esta porta. Cura esta dor. Livra minha família desta pressão.” Não há nada de errado em orar dessa forma. As Escrituras repetidamente nos ensinam a levar nossas necessidades a Deus. Mas, às vezes, ficamos desanimados quando a resposta não vem tão rápido quanto esperávamos, porque presumimos que, se a batalha permanece, algo deve estar errado. Podemos começar a questionar nossa fé, nossas orações ou até a fidelidade de Deus.

Juízes 3 nos dá outra possibilidade. Às vezes, enquanto estamos pedindo a Deus para remover a batalha, Deus está nos ensinando a lutar.

Há coisas que aprendemos sobre Deus somente quando nossa fé precisa se firmar sob pressão. Podemos crer que Deus é fiel quando tudo está indo bem, mas existe outra dimensão da fé que se desenvolve quando as circunstâncias parecem contradizer a promessa e, ainda assim, continuamos crendo. Podemos falar sobre oração quando as respostas vêm rapidamente, mas algo mais profundo se desenvolve quando oramos por meses ou anos e ainda voltamos ao altar. Podemos falar sobre perdão quando ninguém nos feriu profundamente, mas o perdão se torna guerra quando temos todo motivo emocional para permanecer amargurados e, ainda assim, escolhemos liberar a ofensa. Podemos falar sobre santidade quando a tentação está distante, mas a convicção se estabelece quando a tentação está bem diante de nós e ainda assim dizemos não.

Algumas batalhas treinam nossas mãos para a guerra.

Salmos 144:1 (NVI) diz: “Bendito seja o Senhor, a minha Rocha, que treina as minhas mãos para a batalha e os meus dedos para a guerra.” Davi entendia que a força espiritual se aprende. Há coisas que Deus nos ensina através da resistência. Aprendemos discernimento porque enfrentamos o engano. Aprendemos perseverança porque vivenciamos o atraso. Aprendemos dependência porque descobrimos os limites de nossa própria força. Aprendemos a usar as Escrituras porque precisamos de um “está escrito”. Aprendemos a orar porque houve situações que não conseguíamos resolver. Aprendemos a adorar em meio à dor porque houve estações em que a adoração se tornou um ato de fé, e não uma

resposta a circunstâncias favoráveis.

Isso muda a pergunta que fazemos durante estações difíceis. Em vez de perguntar apenas: “Deus, quando isso vai terminar?”, também podemos perguntar: “Deus, o que estás me ensinando enquanto estou aqui?” O que essa batalha está revelando sobre minha vida de oração? O que ela está expondo em meu caráter? O que ela está me ensinando sobre a dependência de Deus? Que fraqueza está se tornando visível? Que Escritura estou aprendendo a firmar? Que músculo espiritual está se desenvolvendo porque fui obrigado a usá-lo?

Isso não significa que glorificamos o sofrimento. Não precisamos chamar o mal de bem, nem fingir que situações dolorosas são agradáveis. Os inimigos de Israel continuavam sendo inimigos. A guerra continuava sendo guerra. O ponto é que um inimigo não recebe a última palavra apenas por ter aparecido em nossa história. Deus é tão soberano que até algo que se opõe a nós pode se tornar um ambiente no qual Ele nos desenvolve.

O apóstolo Paulo experimentou algo semelhante com o que ele chamou de seu “espinho na carne”. 2 Coríntios 12:8-9 (NVI) diz: “Três vezes roguei ao Senhor que a tirasse de mim, mas ele me disse: ‘Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.’”

Paulo orou pela remoção. Três vezes ele especificamente pediu a Deus que a tirasse. No entanto, a resposta de Deus não foi a remoção imediata. Sua resposta foi graça suficiente.

Isso é difícil para nós, porque frequentemente definimos vitória como o desaparecimento da batalha. Deus, às vezes, define vitória de forma diferente. Às vezes, vitória não é a pressão ter desaparecido. Vitória é a pressão não ter conseguido nos mover. Às vezes, vitória não é a tentação nunca ter voltado. Vitória é a tentação ter voltado e ainda assim termos dito não. Às vezes, vitória não é o medo nunca mais ter falado. Vitória é o medo ter falado e nos recusarmos a concordar. Às vezes, vitória não é o problema familiar ter desaparecido da noite para o dia. Vitória é a família ter continuado orando junta enquanto atravessava aquilo.

Não devemos confundir guerra contínua com derrota espiritual.

A presença de uma batalha não significa automaticamente a ausência do poder de Deus.

Paulo ainda tinha algo que queria removido, mas também tinha graça suficiente para permanecer firme. Há estações em que descobrimos que a graça de Deus não apenas nos resgata da dificuldade; Sua graça nos sustenta dentro da dificuldade. Descobrimos que podemos permanecer fiéis quando as circunstâncias não são favoráveis. Podemos adorar sem entender. Podemos obedecer sem ver o resultado. Podemos continuar orando quando nada parece estar se movendo.

É aqui que se forma a perseverança espiritual.

Talvez algumas das coisas que temos pedido a Deus para remover imediatamente estejam nos ensinando a depender dEle diariamente. Se toda tentação desaparecesse no momento em que oramos, talvez nunca aprendêssemos a resistir. Se toda oração fosse respondida instantaneamente, talvez nunca

aprendêssemos a perseverar. Se todo problema desaparecesse antes de se tornar desconfortável, talvez nunca descobríssemos quão profundamente a graça de Deus pode sustentar.

Há batalhas que nos ensinam a permanecer firmes.

Eféios 6:13 (NVI) diz: “Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que, no dia mau, vocês possam resistir e, depois de terem feito tudo, permanecer firmes.”

Às vezes, depois de termos orado, obedecido, nos arrependido, jejuado, perdoado, estabelecido limites, falado a Palavra e feito tudo o que sabemos fazer, as Escrituras nos dão um mandamento surpreendentemente simples: permaneça firme.

Não retroceda.

Não entregue o território que Deus já te deu.

Não reabra a porta que você fechou.

Não volte ao relacionamento do qual Deus te livrou.

Não volte ao apetite que você entregou.

Não abandone a convicção só porque mantê-la se tornou difícil.

Não pare de orar porque a resposta está demorando mais do que o esperado.

Não pare de crer por seus filhos só porque ainda não consegue ver o que Deus está fazendo.

Permaneça firme.

Há uma tremenda maturidade espiritual em aprender que nem toda batalha exige uma nova estratégia. Às vezes, já sabemos o que Deus nos disse para fazer, e a batalha é simplesmente se vamos continuar fazendo isso. O inimigo adoraria nos exaurir até que reinterpretemos o atraso como negação e a resistência como evidência de que a obediência não está funcionando. Mas há momentos em que nosso maior ato de guerra é continuar fazendo amanhã o que Deus nos disse para fazer ontem.

É aqui que a declaração do Pastor Tisdale se torna tão prática: “Não desperdice a luta.”

Não desperdice a luta.

Se estamos passando por algo difícil, devemos sair dali conhecendo a Deus mais profundamente. Devemos sair orando de forma diferente. Devemos sair com convicções mais fortes. Devemos sair com as Escrituras escondidas em lugares do coração onde antes não estavam. Devemos sair mais compassivos com outras pessoas que estão lutando. Devemos sair sabendo quais portas precisam permanecer fechadas. Devemos sair reconhecendo a pressão espiritual mais rapidamente. Devemos sair

sabendo como permanecer firmes.

Não devemos lutar a mesma batalha por dez anos sem aprender nada com ela.

Se o medo tem nos atacado repetidamente, devemos nos tornar estudantes do que as Escrituras ensinam sobre o medo. Se nosso casamento tem sofrido pressão repetida, devemos nos tornar estudantes intencionais do casamento bíblico, do perdão, da comunicação, da humildade e da aliança. Se um de nossos filhos está lutando espiritualmente, devemos aprender a interceder em vez de simplesmente entrar em pânico. Se a tentação repetidamente se aproxima de nós pela mesma porta, eventualmente devemos saber onde está essa porta e estabelecer limites mais fortes ao redor dela.

Não deixe que seus hábitos se tornem esconderijos.

Às vezes, dizemos: “Isso é só algo com que eu luto”, e essa linguagem pode, aos poucos, se tornar permissão para parar de resistir. Há diferença entre reconhecer uma fraqueza e construir uma casa para ela. Podemos dizer: “Esta é uma área em que preciso permanecer vigilante”, sem dizer: “Isto sempre vai me controlar.” A batalha pode continuar, mas nossa resposta à batalha deveria amadurecer.

Talvez, a princípio, a tentação nos surpreenda. Eventualmente, devemos reconhecê-la.

A princípio, podemos cair antes de entender o padrão. Eventualmente, devemos reconhecer o padrão.

A princípio, podemos precisar que alguém nos lembre da Palavra. Eventualmente, a Palavra deve começar a se levantar dentro de nós.

A princípio, podemos saber apenas clamar: “Deus, me ajuda.” Eventualmente, começamos a dizer: “Está escrito.”

A princípio, podemos não saber para onde o inimigo está tentando nos levar. Eventualmente, reconhecemos a direção antes de chegarmos ao destino.

Isso é o que significa aprender a guerra.

Esse princípio se torna especialmente importante quando pensamos em nossos filhos. Naturalmente, queremos protegê-los de toda batalha, mas nossa responsabilidade como pais não é simplesmente criar filhos que nunca experimentem resistência espiritual. Precisamos criar filhos que saibam o que fazer quando a resistência chegar. Eventualmente, eles encontrarão tentações que não podemos remover. Eles ouvirão ideias que não podemos filtrar. Eles desenvolverão relacionamentos que não podemos controlar completamente. Eles vivenciarão decepções que não podemos evitar. Em algum momento, eles precisarão saber como lutar pela própria fé.

Nosso objetivo não é apenas construir um muro ao redor de nossos filhos. Nosso objetivo é construir a Palavra dentro deles.

Nós lhes ensinamos por que oramos. Nós lhes ensinamos por que adoramos. Nós lhes ensinamos por que a santidade importa. Nós lhes ensinamos por que certos limites existem. Nós lhes ensinamos a

reconhecer a tentação. Nós lhes ensinamos a se arrepender quando falham. Nós lhes ensinamos a perdoar. Nós lhes ensinamos a discernir vozes. Nós lhes ensinamos que os sentimentos são reais, mas os sentimentos não são senhor. Nós lhes ensinamos que a cultura pode mudar sem que a verdade mude. Nós lhes ensinamos a abrir a Bíblia e encontrar um “está escrito” por si mesmos.

Chega um momento em que nossos filhos precisam saber mais do que “meus pais não permitem isto”. Eles precisam ser capazes de dizer: “Eu não concordo com isso porque pertenço a Jesus.”

É quando um limite parental está se tornando uma convicção pessoal.

Nossos lares, portanto, precisam de mais do que regras. Precisam de linguagem espiritual. Nossos filhos deveriam nos ouvir falar sobre por que certas coisas não são permitidas em nossa casa. Nem tudo precisa se tornar um argumento sobre se algo é tecnicamente pecaminoso. Há coisas que simplesmente reconhecemos como espiritualmente prejudiciais para nossa família. Há conversas que não vamos normalizar. Há formas de entretenimento que não vamos trazer para nosso lar. Há maneiras pelas quais não vamos falar uns com os outros. Há atitudes que não vamos permitir que se tornem nossa cultura.

É aqui que aprendemos o poder de dizer não.

Nossa geração celebra a liberdade de dizer sim, mas a maturidade espiritual também se revela por aquilo a que estamos dispostos a dizer não. Não somos definidos apenas pelas portas por onde passamos. Às vezes, somos definidos pelas portas que nos recusamos a entrar.

Há momentos em que precisamos simplesmente dizer:

Não. Não é permitido.

Não porque temos medo.

Não porque acreditamos que o inimigo é mais forte do que nós.

Não porque estamos tentando merecer a salvação através de regras.

Mas porque entendemos o que Deus nos confiou.

Há coisas que deveríamos estar dispostos a dizer a respeito de nossos lares: “Não, não falamos uns com os outros dessa forma aqui. Não, não desonramos uns aos outros aqui. Não permitimos pornografia nesta casa. Não alimentamos amargura aqui. Não entretemos fofoca aqui. Não vamos permitir que o cinismo se torne a linguagem da nossa família. Não vamos permitir que o mundo tenha acesso irrestrito à mente de nossos filhos. Não vamos deixar que a ofensa nos separe do corpo de Cristo. Não vamos permitir que a oração desapareça deste lar.”

Há algo poderoso quando uma família aprende a dizer junta: “Não nesta casa.”

Essa declaração não é mágica. As palavras em si não criam autoridade espiritual. Seu poder vem quando representam uma vida submissa, convicção bíblica, limites práticos e obediência constante. “Não nesta

casa” significa que decidimos a quem esta casa pertence. Significa que não estamos mais negociando com tudo o que bate à porta.

Josué 24:15 (NVI) ainda fala conosco: “quanto a mim e à minha família, serviremos ao Senhor.”

Servir ao Senhor exige tanto o sim quanto o não.

Sim à oração.

Sim à adoração.

Sim ao perdão.

Sim às Escrituras.

Sim à santidade.

Sim à generosidade.

Sim à prestação de contas.

Sim à comunidade piedosa.

Sim ao arrependimento.

Sim à presença de Deus.

E, porque dissemos sim a essas coisas, inevitavelmente haverá outras coisas às quais precisaremos dizer não.

É assim que a resistência começa a se tornar um estilo de vida, e não apenas uma reação à crise.

Eventualmente, começamos a entender algo notável: a guerra espiritual não é sobre viver aterrorizados com o que o diabo pode fazer a seguir. É sobre viver tão completamente rendidos a Jesus que sabemos o que pertence à nossa vida e o que não pertence. Sabemos a quem servimos. Sabemos o que Deus falou. Reconhecemos a direção do inimigo. Guardamos o território que Deus nos confiou. Levamos nossos pensamentos cativos. Recusamos concordar com mentiras. Permanecemos firmes quando a resistência chega.

E, através de cada batalha, Deus está treinando nossas mãos para a guerra.

Talvez tenhamos orado: “Deus, por que ainda estou lutando com isso?”

Talvez parte da resposta seja que a luta está nos ensinando algo que vamos precisar no futuro. Talvez o que aprendemos nesta batalha um dia nos ajude a proteger nosso casamento. Talvez nos ajude a discipular nossos filhos. Talvez nossos filhos sobrevivam a uma batalha porque nos viram permanecer fiéis na nossa. Talvez outra pessoa aprenda a permanecer firme porque podemos testemunhar: “Eu sei o que é querer desistir, mas também sei que a graça de Deus é suficiente.”

Por isso, não desperdiçamos a luta.

Aprendemos.

Amadurecemos.

Estabelecemos limites.

Ensinamos nossos filhos.

Fortalecemos nossos lares.

Continuamos orando.

Continuamos resistindo.

E, depois de termos feito tudo, permanecemos firmes.

Isso nos leva de volta ao ponto onde todo este estudo começou. Tiago não disse que o diabo nunca se aproximaria de nós. Ele nos disse o que fazer quando isso acontecer:

“Portanto, sujeitem-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.”

O objetivo da guerra espiritual não é nos tornar obcecados pelas trevas. O objetivo é nos tornar profundamente submissos a Deus, firmemente estabelecidos na verdade, discernindo sobre o acordo, e suficientemente confiantes em Jesus Cristo para dizer a tudo que tenta nos afastar dEle:

Não. Não é permitido. Não em minha mente. Não em meu casamento. Não em meus filhos. Não em minha adoração. Não em meu futuro. Não nesta casa.

Nós pertencemos a Jesus.

♦ REFLITA E ESCREVA

O que a batalha está me ensinando? Se Deus ainda não removeu a resistência, que força espiritual pode estar se desenvolvendo através dela? Estamos aprendendo perseverança, discernimento, oração, humildade, dependência, limites, perdão, ou um conhecimento mais profundo das Escrituras?

A que precisamos dizer “não nesta casa”? O que lentamente se tornou normal em nossa família e que não deveria mais ser normal? Ira? Desrespeito? Falta de oração? Entretenimento pouco saudável? Negatividade constante? Isolamento? Fofoca? Medo? Que limite precisa ser estabelecido?

PARTE 07

QUANDO JESUS RESTAURA O QUE A BATALHA TENTOU TIRAR

07

“Então trouxeram a Jesus um endemoninhado, cego e mudo, e Jesus o curou, de forma que ele passou a falar e a ver.”

MATEUS 12:22 (NVI)

Voltamos agora ao homem que nos apresentou a todo este ensino sobre a guerra espiritual. Quando foi levado a Jesus, algo havia afetado tanto sua visão quanto sua fala. Ele não conseguia ver, e não conseguia falar. No entanto, quando Jesus interveio, Mateus não apenas nos diz que a opressão foi removida. Mateus especificamente nos diz o que foi restaurado: “o cego e o mudo passaram a falar e a ver.” O homem saiu daquele encontro capaz de fazer o que a escravidão o havia impedido de fazer. Isso nos dá uma bela imagem do que Jesus deseja realizar em nossa vida. A guerra espiritual não é apenas sobre tirar algo ruim de nós. Deus deseja restaurar o que a batalha afetou. Se o medo silenciou nossa voz, Ele quer que voltemos a falar fé. Se a decepção distorceu nossa visão, Ele quer que voltemos a ver através da fé. Se a ofensa danificou nossos relacionamentos, Ele quer restaurar o perdão e a conexão saudável. Se o desânimo enfraqueceu nossa vida de oração, Ele quer que voltemos a orar. Se a exaustão espiritual silenciou nossa adoração, Ele quer que a adoração volte a fluir de nós.

Às vezes, ficamos tão focados no que queremos que Deus remova que esquecemos de perguntar o que Ele quer restaurar. Oramos: “Deus, tira isto. Remove este medo. Remove esta tentação. Remove esta dor. Remove este ataque.” Essas são orações legítimas, mas talvez devêssemos também perguntar: “Deus, o que Tu queres colocar de volta em minha vida quando isso passar?” A pergunta não é apenas: “Do que estou tentando me libertar?”, mas também: “Para que estou me tornando livre?” Deus não nos liberta apenas para que fiquemos vazios. Ele nos liberta para que nossa vida volte a funcionar de acordo com Seu propósito. O homem em Mateus 12 recebeu visão para que pudesse ver, e recebeu fala para que pudesse falar. Da mesma forma, quando Deus nos faz atravessar uma batalha, Ele quer que as áreas que foram atacadas voltem a ser úteis.

Isso é importante, porque, depois de uma estação longa ou dolorosa, podemos nos acostumar a viver com expectativas diminuídas. Sobrevivemos, mas algo dentro de nós parou de funcionar como antes. Ainda frequentamos a igreja, mas paramos de sonhar. Ainda oramos, mas paramos de esperar. Ainda amamos nossa família, mas paramos de crer que certos relacionamentos poderiam se curar. Ainda adoramos, mas algo dentro de nós ficou reservado. Sobrevivemos à batalha, mas parte de nós permaneceu em modo de sobrevivência. Jesus quer mais do que nossa sobrevivência. Ele quer restauração.

Talvez o inimigo tenha atacado nossa visão. Houve um tempo em que conseguíamos ver possibilidades, mas, depois de decepções suficientes, começamos a ver apenas problemas. Um dia olhamos para nossos filhos e imaginamos o que Deus poderia fazer através deles, mas agora tudo o que conseguimos ver são as lutas presentes. Um dia olhamos para nosso casamento e vimos aliança, companheirismo e propósito, mas agora toda discordância parece confirmar que algo está permanentemente quebrado. Um dia olhamos para nosso futuro com expectativa, mas a decepção nos treinou para esperar o pior, para que não sejamos feridos novamente. Essa é uma visão danificada. O inimigo nem sempre precisa nos

fazer parar de crer em Deus completamente. Às vezes, ele apenas tenta nos fazer parar de ver o que Deus pode fazer.

É por isso que Paulo orou em Efésios 1:18 (NVI): “Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou...” Precisamos que Deus continuamente restaure a visão espiritual. Precisamos que o Espírito Santo nos ajude a ver além do que é imediatamente visível. A fé não nega o que está acontecendo, mas a fé se recusa a acreditar que o que está acontecendo é tudo o que pode acontecer. Precisamos de visão restaurada a respeito de nossas famílias. Precisamos ser capazes de olhar para um filho que está lutando e ainda ver alguém que Deus pode alcançar. Precisamos ser capazes de olhar para um casamento ferido e ainda crer que Deus pode nos ensinar a perdoar, reconstruir e amar. Precisamos ser capazes de olhar para nossos próprios fracassos e ainda ver um futuro além deles. Precisamos ser capazes de olhar para uma estação difícil e lembrar que as estações mudam. O inimigo quer que a batalha se torne nossa visão, mas Deus quer que Sua Palavra molde nossa visão.

O homem em Mateus 12, no entanto, não havia perdido apenas a visão. Ele também havia perdido a voz. Isso é significativo, porque o que vemos, eventualmente, influencia o que dizemos. Se nossa visão espiritual se torna dominada pelo medo, o medo, eventualmente, começará a falar através de nós. Se tudo o que conseguimos ver é desesperança, a desesperança começará a aparecer em nossas conversas. Se continuamente nos vemos através da vergonha, falaremos sobre nós mesmos a partir da vergonha. Se vemos nossos filhos apenas através de seus erros, nossa linguagem para com eles, eventualmente, refletirá decepção em vez de fé. O inimigo adoraria silenciar a voz da fé em nossos lares. Ele adoraria que parássemos de orar em voz alta, parássemos de falar as Escrituras, parássemos de abençoar nossos filhos, parássemos de encorajar nosso cônjuge, parássemos de contar nosso testemunho, e parássemos de adorar quando as circunstâncias se tornam difíceis.

Mas, quando Jesus restaura esse homem, ele volta a falar. Talvez haja vozes em nossos lares que precisam voltar. Talvez precisemos voltar a orar em voz alta em nossos lares. Talvez precisemos voltar a abençoar nossos filhos. Talvez precisemos voltar a falar palavras de encorajamento ao nosso cônjuge. Talvez precisemos voltar a contar nosso testemunho. Talvez precisemos voltar a cantar. Talvez precisemos adorar enquanto a batalha ainda está acontecendo, em vez de esperar até que tudo tenha sido resolvido. Talvez precisemos parar de permitir que o desânimo determine o que sai de nossa boca.

Salmos 107:2 (NVI) diz: “Que o digam os redimidos do Senhor, os quais ele redimiou da mão do adversário.” Os redimidos têm algo a dizer. Isso não significa que falemos palavras positivas vazias ou finjamos que os problemas não existem. A confissão bíblica não é fingimento. É trazer nossa fala para o acordo com a verdade. Podemos reconhecer: “Estou sofrendo”, e também dizer: “Deus ainda é fiel.” Podemos dizer: “Não entendo esta estação”, e continuar: “Mas vou confiar nEle.” Podemos dizer: “Meu filho está lutando”, sem declarar que nosso filho está permanentemente perdido. Podemos reconhecer que nosso casamento precisa de cura sem concordar que a divisão tem o direito de destruí-lo. Podemos admitir que falhamos sem tornar o fracasso nossa identidade permanente. Nossa voz se torna um instrumento de acordo com o que Deus falou.

É também por isso que a guerra espiritual exige substituição. Não simplesmente rejeitamos o medo; cultivamos a fé. Não simplesmente paramos a fala negativa; aprendemos a falar a verdade. Não simplesmente removemos o entretenimento pouco saudável; enchemos nossos lares de coisas que fortalecem nosso espírito. Não simplesmente deixamos relacionamentos pouco saudáveis; buscamos comunidade piedosa. Não simplesmente paramos de pensar pensamentos destrutivos; renovamos nossa mente com as Escrituras. Não simplesmente nos arrependemos da falta de oração; começamos a orar. A liberdade bíblica não é apenas sobre remover algo que estava errado. É sobre estabelecer algo que está certo.

Jesus ensina esse princípio mais adiante em Mateus 12, quando descreve um espírito imundo que sai de uma pessoa e, eventualmente, retorna e encontra a casa “desocupada, varrida e arrumada” (Mateus 12:43-45). O problema não era que a casa havia sido limpa. O problema era que a casa permanecia vazia. Algo havia saído, mas nada maior havia tomado seu lugar. Isso deveria nos ensinar algo importante sobre a liberdade espiritual. A liberdade cristã nunca foi projetada para produzir casas vazias. Nosso coração foi criado para ser preenchido com Deus.

Nossos lares precisam da presença de Deus. Nossa mente precisa da Palavra de Deus. Nossa boca precisa de louvor e verdade. Nossos relacionamentos precisam de graça. Nossa agenda precisa de oração. Nossos filhos precisam de discipulado. Nossos casamentos precisam de intimidade espiritual. Não basta dizermos: “Não fazemos mais isso.” Também precisamos ser capazes de dizer: “Isto é o que fazemos agora.” Talvez a ira um dia dominasse nossas desavenças, mas agora estamos aprendendo a nos comunicar, perdoar, orar e nos humilhar. Talvez todos na casa um dia desaparecessem em cômodos separados, mas agora criamos intencionalmente momentos de conexão. Talvez um dia consumíssemos qualquer coisa que aparecesse em nossas telas sem pensar, mas agora estabelecemos limites. Talvez a negatividade um dia dominasse nossas conversas, mas agora praticamos intencionalmente a gratidão. Talvez a oração um dia só acontecesse na igreja, mas agora a oração entrou em nosso lar.

É assim que a vitória espiritual se torna uma cultura, e não apenas um momento. Não estamos apenas tentando vivenciar um culto de oração poderoso em que Deus nos toca. Queremos que a presença de Deus remodele a forma como vivemos depois que o culto termina. Isso é particularmente importante para nossos filhos. Eles precisam de mais do que histórias sobre o que Deus fez na igreja. Precisam experimentar como é quando o Espírito Santo influencia a vida familiar cotidiana. Devem ver o arrependimento. Devem ver o perdão. Devem ouvir a oração. Devem ouvir as Escrituras. Devem ver a generosidade. Devem experimentar a graça. Devem observar mamãe e papai discordarem sem se destruírem. Devem nos ver admitir quando estamos errados. Devem nos observar tomar decisões de acordo com a convicção, mesmo quando essas decisões custam algo. É assim que substituímos as trevas pelo discipulado.

Não podemos simplesmente dizer a nossos filhos o que eles não devem se tornar. Precisamos lhes mostrar como é seguir a Jesus. Se todo o cristianismo se resumir a uma lista de coisas proibidas, eventualmente eles podem começar a ver a santidade como restrição, e não como relacionamento. Eles precisam ver o que preenche o espaço criado por nossos limites. Não dizemos apenas não ao mundo;

dizemos sim a algo infinitamente maior. Dizemos sim à presença de Deus, sim à oração, sim à adoração, sim à Palavra, sim aos relacionamentos saudáveis, sim ao propósito, sim à pureza, sim à paz e sim à alegria que vem de caminhar com Jesus.

Isso também explica por que o isolamento é tão perigoso durante as batalhas espirituais. Uma das coisas que o inimigo frequentemente tenta tirar de nós é a conexão saudável. Quando ficamos feridos, envergonhados, desanimados ou tentados, a reação natural pode ser se retrair. Paramos de responder mensagens. Paramos de falar com honestidade. Paramos de pedir oração. Paramos de nos aproximar de pessoas que poderiam reconhecer que algo está errado. O isolamento nos convence de que devemos resolver tudo sozinhos, enquanto o orgulho nos diz para não deixar ninguém saber que estamos lutando. A vergonha acrescenta outra voz e nos diz que, se as pessoas realmente soubessem o que está acontecendo dentro de nós, pensariam diferente sobre nós. No entanto, Deus repetidamente age através do corpo de Cristo, e há batalhas que nunca deveríamos ter lutado sozinhos.

Jesus disse em Mateus 18:19-20 (NVI): “Também lhes digo que, se dois de vocês concordarem aqui na terra a respeito de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.” Observe novamente essa palavra: concordarem. O inimigo quer acordo com mentiras e isolamento das pessoas, mas Deus nos chama para o acordo com a verdade e para a conexão com Seu povo. Às vezes, a guerra espiritual se parece com ligar para alguém e dizer: “Preciso que você ore comigo.” Às vezes, se parece com um marido e uma esposa dando as mãos em oração quando, poucos minutos antes, queriam continuar discutindo. Às vezes, se parece com pais colocando as mãos sobre os filhos e orando por eles. Às vezes, se parece com trazer algo escondido para a luz e pedir ajuda a uma liderança espiritual de confiança. Às vezes, a vitória começa com humildade suficiente para admitir: “Estou lutando, e não quero enfrentar isso sozinho.”

É por isso que o inimigo adora a divisão. Jesus já nos disse que uma casa dividida não pode permanecer. Se ele conseguir separar marido de esposa, pai de filho, crente de igreja e amigo de amigo, ele pode enfraquecer relacionamentos que Deus pretendia que se tornassem fontes de força espiritual. Portanto, a restauração deve incluir a reconstrução do acordo piedoso. Voltamos a orar juntos. Voltamos a nos comunicar. Voltamos a perdoar. Voltamos a adorar. Voltamos a confiar. Voltamos a abrir a Bíblia. Voltamos a nos reunir. Voltamos a falar, e voltamos a ver. Essa é exatamente a imagem que Mateus nos dá. O homem que veio a Jesus incapaz de ver e incapaz de falar sai do encontro fazendo as duas coisas.

É isso que Jesus faz. Ele não apenas confronta o que nos amarrou. Ele restaura o que a escravidão tentou roubar.

Ele não apenas confronta o que nos amarrou. Ele restaura o que a escravidão tentou roubar.

Talvez, então, a pergunta final não deva ser simplesmente: “O que preciso que Deus remova?” Também deveríamos perguntar: “O que precisa viver de novo?” O que precisa viver de novo em nossa vida de oração? O que precisa viver de novo em nosso casamento? O que precisa viver de novo entre nós e nossos filhos? O que precisa viver de novo em nossa adoração? O que precisa viver de novo em nossa fé? Que visão a decepção silenciou? Que voz o medo tirou? Que sonho o desânimo enterrou? Que disciplina espiritual desapareceu durante a batalha? Que relacionamento precisa ser reconstruído? Que parte de nossa caminhada com Deus permitimos que apenas sobrevivesse, quando Jesus deseja restaurá-la?

Devemos trazer essas coisas a Jesus, porque o mesmo Jesus que fez o cego ver e o mudo falar ainda é capaz de restaurar o que as batalhas espirituais afetaram. O inimigo pode ter atacado nossa visão, mas podemos ver de novo. O inimigo pode ter atacado nossa voz, mas podemos falar de novo. O inimigo pode ter atacado nosso acordo, mas nossa casa pode voltar a entrar em acordo. O inimigo pode ter atacado nossa vida de oração, mas podemos orar de novo. O inimigo pode ter atacado nossa adoração, mas podemos adorar de novo. O inimigo pode ter atacado nossa família, mas ainda podemos permanecer juntos e declarar: “quanto a mim e à minha família, serviremos ao Senhor.”

A guerra espiritual, portanto, não é apenas sobre o que nos recusamos a permitir em nossos lares. É também sobre o que intencionalmente estabelecemos dentro deles. Não basta dizer: “Não nesta casa.” Também precisamos estabelecer o que pertence a esta casa. A oração pertence a esta casa. A adoração pertence a esta casa. A verdade pertence a esta casa. O perdão pertence a esta casa. A pureza pertence a esta casa. A fé pertence a esta casa. A Palavra pertence a esta casa. A presença de Deus pertence a esta casa. Não estamos apenas tentando manter as trevas do lado de fora; estamos intencionalmente enchendo nossos lares com as coisas de Deus.

No fim das contas, é isso que nossa resistência está protegendo. Estamos protegendo uma casa que pertence a Jesus. Estamos protegendo casamentos que pertencem a Jesus. Estamos disciplinando filhos que pertencem a Jesus. Estamos guardando mentes, corações, vozes, relacionamentos e futuros que pertencem a Jesus. O inimigo não determina a atmosfera de nossos lares. Nossas feridas não a determinam. Nossos medos não a determinam. A cultura não a determina. Já fizemos nosso acordo, e nosso acordo é com o Senhor.

Esta casa pertence a Jesus.

♦ REFLITA E ESCREVA

O que precisa viver de novo em nossa casa? Em vez de focar apenas no que precisa sair, pergunte o que Jesus quer restaurar. A oração precisa viver de novo? A adoração? O culto em família? A comunicação? A confiança? O perdão? As conversas espirituais com nossos filhos? A fé pelo futuro deles?

CONCLUSÃO

RESISTA ATRAVÉS DA SUBMISSÃO

“Portanto, sujeitem-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.”

TIAGO 4:7 (NVI)

Começamos este estudo com um homem que não conseguia ver nem falar, e seguimos a batalha até sua raiz. A guerra espiritual não é apenas sobre manifestações dramáticas ou experiências incomuns. É sobre a pressão que tenta mover nossa vida em uma direção para a qual Deus nunca nos chamou. É sobre a batalha por nossa visão, nossa voz, nossos pensamentos, nossos lares, nossos casamentos, nossos filhos, nossas convicções e, em última análise, nosso acordo. O inimigo quer que concordemos com o medo, a amargura, a divisão, a tentação, a vergonha, a desesperança e a acusação, enquanto Deus continuamente nos chama de volta ao acordo com Sua Palavra.

É por isso que Tiago 4:7 permanece o fundamento de tudo o que estudamos. “Portanto, sujeitem-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês.” A autoridade espiritual começa com a rendição. Antes de confrontarmos o que está tentando nos influenciar, nos colocamos debaixo da autoridade de Deus. Antes de dizermos não às trevas, primeiro dizemos sim a Jesus. Antes de repreendermos o que está ao nosso redor, permitimos que Deus examine o que está dentro de nós. Nossa resistência se torna eficaz quando nossa rendição se torna genuína.

A batalha não é vencida apenas porque sabemos falar a linguagem espiritual. Ela é vencida quando nossa vida começa a concordar com aquilo que oramos. Não podemos pedir a Deus que estabeleça paz em nossos lares enquanto continuamente alimentamos a ira. Não podemos orar por pureza enquanto protegemos a porta pela qual a tentação continuamente entra. Não podemos pedir a Deus que restaure nossas famílias enquanto permitimos que a ofensa, o orgulho e a falta de perdão permaneçam confortáveis dentro delas. Não podemos pedir a Deus que fortaleça nossos filhos espiritualmente enquanto damos a cada voz concorrente acesso irrestrito a seus corações. Em algum momento, nossas orações, limites, palavras, hábitos e decisões precisam começar a se mover na mesma direção.

É isso que a submissão produz. A submissão traz as áreas divididas de nossa vida de volta ao acordo com Deus.

Pode haver áreas em nossa vida em que Deus está nos pedindo para fechar uma porta. Pode haver conversas que precisamos deixar, relacionamentos que precisamos reavaliar, hábitos que precisamos entregar, padrões de pensamento que precisamos derrubar, ou feridas que precisamos parar de permitir que definam nossa visão de mundo. Pode haver coisas que chamamos de personalidade que Deus está chamando de orgulho. Pode haver coisas que chamamos de discernimento que, na verdade, são suspeita. Pode haver coisas que chamamos de cautela que, na verdade, são medo. Pode haver coisas que chamamos de “meu jeito de ser” que Deus está tentando transformar.

O Espírito Santo precisa ter permissão para sondar esses lugares.

Não precisamos ter medo desse processo, porque a convicção não é Deus tentando nos destruir. A convicção é Deus se recusando a permitir que algo destrutivo permaneça escondido. Se Deus revela uma

porta, Ele está nos mostrando onde fechá-la. Se Ele expõe uma mentira, está nos dando a oportunidade de substituí-la pela verdade. Se Ele revela amargura, está nos convidando ao perdão. Se Ele revela medo, está nos chamando à fé. Se Ele revela contradição entre nossa adoração pública e nossa vida privada, está nos chamando à integridade.

A guerra espiritual, portanto, se torna profundamente prática. Às vezes, guerra é adoração, jejum, intercessão e oração fervorosa. Mas, às vezes, guerra também é pedir desculpas ao nosso cônjuge. Às vezes, é perdoar alguém que não merece. Às vezes, é colocar o celular na mesa e apagar algo. Às vezes, é dizer aos nossos filhos: “Estamos mudando o que permitimos nesta casa.” Às vezes, é desligar a televisão. Às vezes, é abrir a Bíblia. Às vezes, é ligar para alguém e admitir que precisamos de ajuda. Às vezes, é nos ajoelharmos quando tudo dentro de nós quer permanecer irado.

Às vezes, a guerra mais poderosa acontece sem que ninguém grite.

Ela acontece quando uma pessoa rendida diz: “Chega.”

Chega de concordar com esta mentira. Chega de proteger este apetite. Chega de reviver esta ofensa. Chega de falar desesperança sobre minha família. Chega de permitir que a ferida de ontem defina os relacionamentos de amanhã. Chega de permitir que o medo pregue mais alto do que a Palavra de Deus. Chega de permitir que a tentação me diga quem eu sou. Chega de permitir que uma acusação se torne minha identidade.

Aprendemos que a resposta para a mentira é a verdade. Quando Jesus estava no deserto, Ele não permitiu que a fome, a pressão, a afirmação ou a promessa de um atalho determinassem Sua obediência. Ele respondeu: “Está escrito.” Precisamos dessa mesma autoridade estabelecida em nossa vida. Precisamos saber o que Deus falou antes que a pressão tente reinterpretá-lo. Precisamos das Escrituras escondidas em nosso coração antes da estação noturna. Precisamos da verdade antes da tentação. Precisamos de convicção antes que a cultura nos pressione a transigir. Precisamos que nossos filhos conheçam a Palavra de Deus antes que outra voz tente lhes dar uma identidade diferente.

A Palavra precisa se tornar mais forte do que a pressão.

A Palavra precisa se tornar mais forte do que a pressão.

Quando o medo diz que nossa família não vai sobreviver, precisamos de um “está escrito”. Quando a vergonha nos diz que nosso passado nos desqualificou, precisamos de um “está escrito”. Quando o desânimo diz que a oração é inútil, precisamos de um “está escrito”. Quando a cultura diz a nossos filhos que a obediência está ultrapassada, eles precisam de um “está escrito”. Quando a tentação diz que a transigência vai facilitar a vida, precisamos de um “está escrito”. Não podemos brandir uma espada que nunca pegamos. Não podemos responder mentiras com uma verdade que nunca aprendemos.

Também precisamos lembrar que algumas batalhas podem não desaparecer imediatamente. Juízes 3 nos ensina que Deus permitiu que uma geração enfrentasse inimigos para que pudessem aprender a guerra. Salmos 144 diz que Deus treina nossas mãos para a batalha e nossos dedos para a guerra. Paulo pediu a Deus que removesse seu espinho, e, em vez disso, Deus lhe disse: “Minha graça é suficiente para você.” Haverá batalhas em que Deus nos livra rapidamente, e pode haver outras através das quais Deus desenvolve perseverança, discernimento, oração, humildade e dependência.

Não devemos desperdiçar essas batalhas.

Se vamos lutar, que saíamos mais fortes. Que saíamos orando mais profundamente. Que saíamos conhecendo melhor as Escrituras. Que saíamos com limites mais claros. Que saíamos com maior compaixão. Que saíamos capazes de reconhecer a direção do inimigo mais rapidamente. Que saíamos sabendo como ajudar nossos filhos a lutar batalhas que, um dia, nós mesmos não soubemos lutar.

Um dos maiores presentes que podemos dar a nossos filhos não é uma vida sem batalhas. É um exemplo do que pessoas fiéis fazem quando as batalhas chegam. Que eles nos vejam orar quando estamos com medo. Que eles nos vejam perdoar quando estamos feridos. Que eles nos vejam nos arrepender quando estamos errados. Que eles nos vejam adorar quando as circunstâncias são difíceis. Que eles nos vejam firmados nas Escrituras quando nossas emoções estão instáveis. Que eles nos vejam estabelecer limites, mesmo quando esses limites são impopulares.

Eles precisam saber que servir a Deus não é apenas algo que fazemos quando a vida é fácil.

Eles precisam nos ver permanecer firmes.

Eféios 6:13 (NVI) diz: “Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que, no dia mau, vocês possam resistir e, depois de terem feito tudo, permanecer firmes.”

Pode haver momentos em que permanecer firme é a vitória. Oramos, e ainda estamos de pé. Choramos, e ainda estamos de pé. Ficamos decepcionados, e ainda estamos de pé. A tentação voltou, e ainda estamos de pé. Nossa família passou por pressão, e ainda estamos de pé. Não entendemos tudo o que Deus permitiu, mas permanecemos submissos.

O inimigo esperava que a pressão mudasse nosso acordo.

Em vez disso, a pressão o fortaleceu.

Isso é vitória.

É por isso que a promessa de Isaías 54:17 (NVI) se torna tão poderosa: “nenhuma arma forjada contra você prevalecerá...” Observe que as Escrituras não dizem que nenhuma arma jamais será forjada. Elas dizem que a arma não vai prevalecer. Ainda pode haver ataques. Ainda pode haver pressão. Ainda pode haver momentos em que nossa fé é testada. A promessa não é que nada jamais virá contra nós. A promessa é que aquilo que vem contra nós não tem autoridade para determinar o resultado final.

Armas podem se formar, mas elas não têm a última palavra.

O medo pode se formar, mas o medo não tem a última palavra.

A divisão pode tentar entrar, mas a divisão não tem a última palavra.

A tentação pode voltar, mas a tentação não tem a última palavra.

Nossas feridas podem falar, mas nossas feridas não têm a última palavra.

Nossas circunstâncias podem ser difíceis, mas nossas circunstâncias não têm a última palavra.

A Palavra de Deus tem a última palavra.

Portanto, quando a pressão chegar, não precisamos nos tornar obcecados com o que o inimigo está fazendo. Nossa primeira pergunta se torna: “Deus, estou submisso a Ti?” Então, resistimos. Guardamos o território que Deus nos confiou. Fechamos portas que nunca deveriam ter permanecido abertas. Derrubamos argumentos. Levamos nossos pensamentos cativos. Recusamos concordar com mentiras. Enchemos nossa mente de verdade. Ensinamos nossos filhos. Protegemos nossos lares. Oramos uns pelos outros. Permanecemos firmes.

E talvez haja algumas coisas que precisamos resolver em nosso coração hoje.

Precisamos decidir que o medo não vai pastorear nossas famílias. Precisamos decidir que a amargura não vai se tornar a atmosfera de nossos casamentos. Precisamos decidir que a cultura não terá mais autoridade sobre nossos filhos do que a Palavra de Deus. Precisamos decidir que nossa vida privada vai concordar com nossa adoração pública. Precisamos decidir que nossas feridas não vão se tornar nossa visão de mundo. Precisamos decidir que a tentação pode falar sem receber nosso acordo. Precisamos decidir que, quando o inimigo questionar o que Deus falou, nossa resposta permanecerá: “Está escrito.”

Mais importante ainda, precisamos decidir a quem nossa casa pertence.

Josué tomou essa decisão claramente: “quanto a mim e à minha família, serviremos ao Senhor.”

Isso não significa que nossa casa nunca vai enfrentar uma batalha. Significa que já decidimos quem terá autoridade quando a batalha chegar. Significa que já decidimos qual voz recebe nosso acordo. Significa que a oração pertence aqui, a adoração pertence aqui, o perdão pertence aqui, as Escrituras pertencem aqui, a pureza pertence aqui, o arrependimento pertence aqui, a graça pertence aqui, e a presença de Deus pertence aqui.

Se o medo bater à porta, ele não é dono da casa.

Se a tentação bater à porta, ela não é dona da casa.

Se a ofensa bater à porta, ela não é dona da casa.

Se o desânimo bater à porta, ele não é dono da casa.

Jesus é o dono da casa.

Este é o nosso acordo.

Esta é a nossa rendição.

Esta é a nossa resistência.

E é assim que permanecemos firmes.

Submeta-se a Deus. Resista ao diabo. Firme-se na verdade. Não dê lugar às trevas. Recuse-se a concordar com a mentira. E, depois de ter feito tudo, permaneça firme.

Porque a batalha pode ser real, mas o nosso Deus também é.

A arma pode ser forjada, mas ela não vai prevalecer.

E, quanto a nós e à nossa casa, serviremos ao Senhor.

COMPLETE AS LACUNAS

1. A guerra espiritual começa quando a _____ tenta nos mover em uma direção para a qual Deus não nos chamou.
2. O que não _____, não resistiremos, e o que não resistimos, acabaremos por tolerar.
3. De acordo com Tiago 4:7, antes de resistirmos ao diabo, precisamos primeiro nos _____ a Deus.
4. Nossa resistência só é tão eficaz quanto nossa _____.
5. Efésios 4:27 nos diz: “Nem deem _____ ao Diabo.”
6. A guerra espiritual é, em última análise, uma batalha pelo _____.
7. Precisamos ter cuidado para que nossa ferida não se torne nossa _____.
8. Jesus respondeu à tentação no deserto com as palavras: “Está _____.”
9. De acordo com 2 Coríntios 10:5, precisamos levar todo pensamento em _____ à obediência de Cristo.
10. A presença de uma batalha não significa necessariamente a ausência do _____ de Deus.

Gabarito, para Líderes de Grupo: 1. pressão | 2. reconhecemos | 3. submeter | 4. rendição | 5. lugar | 6. acordo | 7. visão de mundo | 8. escrito | 9. cativo | 10. poder

DESAFIO FINAL EM FAMÍLIA

Antes de encerrar o estudo, reserve alguns minutos, em família ou em grupo, para identificar duas coisas juntos: algo que não vai mais receber nosso acordo e algo que queremos estabelecer intencionalmente.

Talvez digamos: “O medo não vai mais receber nosso acordo, e a oração vai se fortalecer nesta casa.”
Talvez seja: “A desonra não vai se tornar a cultura de nossa família, e o perdão vai se tornar normal aqui.”
Talvez seja: “Não vamos permitir que o mundo tenha acesso irrestrito para discipular nossos filhos, e vamos trazer intencionalmente as Escrituras para o nosso lar.”

Depois, orem juntos e tornem pessoal a declaração de Josué 24:15:

“quanto a mim e à minha família, serviremos ao Senhor.”

A batalha pode continuar, mas nosso acordo já foi decidido.

◆ REFLITA E ESCREVA

Minha vida privada concorda com minha adoração pública? Se meu cônjuge e meus filhos só conhecessem o cristianismo observando-me em casa, o que eles acreditariam que o cristianismo é? Há acordo entre a pessoa que somos na igreja e a pessoa que nossa família vivencia todos os dias?

O que mudaria se nossa família realmente decidisse: “Quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor”? Que decisões práticas essa afirmação afetaria esta semana? Considere nossa agenda, entretenimento, conversas, relacionamentos, finanças, vida de oração e a formação espiritual de nossos filhos.
